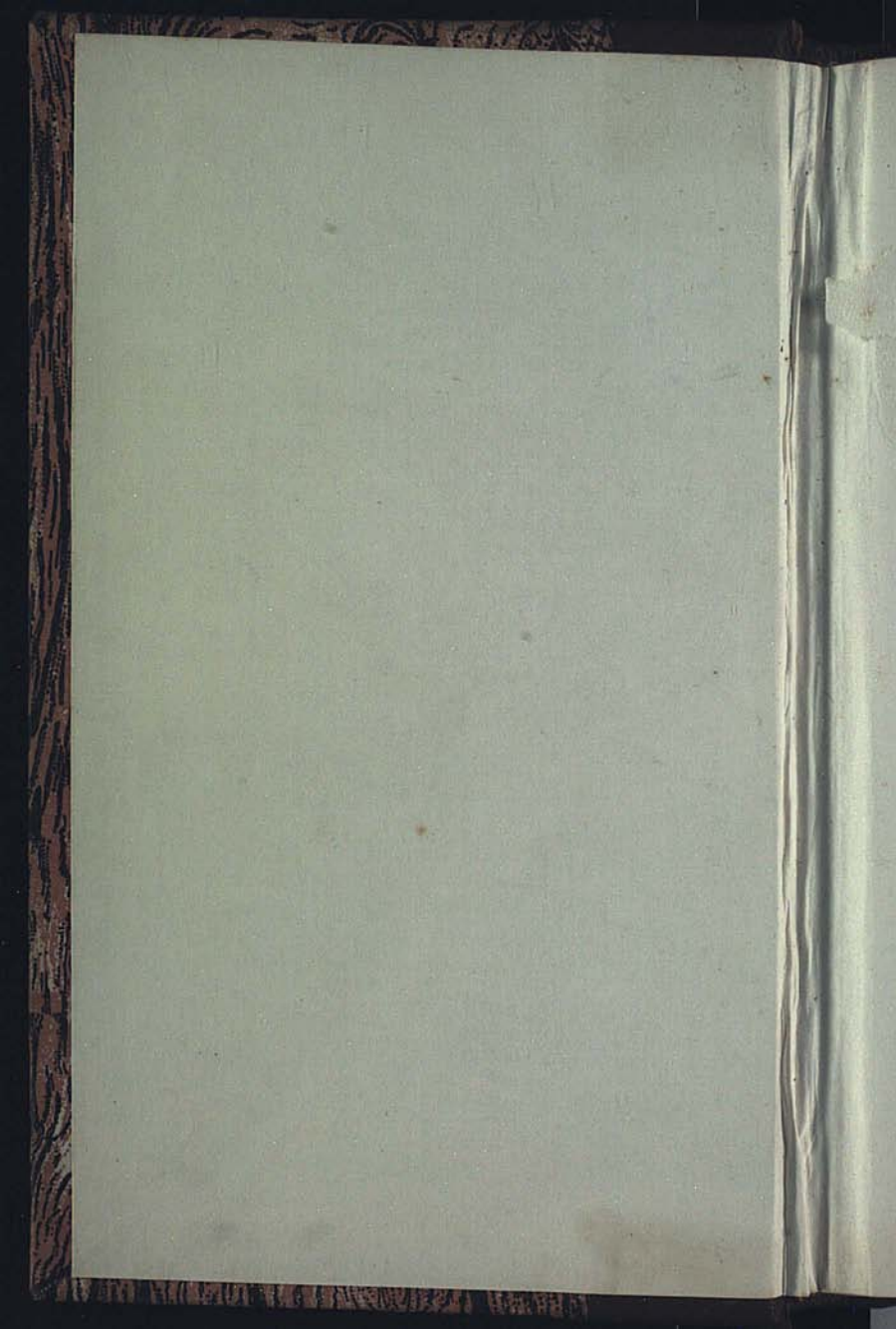




249







1887
57
CONTEMPORANEAS

POESIAS

DE

AUGUSTO DE LIMA

PREFACIO POR THEOPHILO DIAS



HL 1110
RIO DE JANEIRO

Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Ouvidor 31.

1887

HL
869.9149
L732c

A MEUS PAIS

E

A MEUS IRMÃOS

Helio J. S.

A
hente
que, p
os dia
ginari
lento:
elocuo
A
compr
E
siasmo
A
das in
ctacul
flectem
O que
cobrir
a bell
tuidad
energí
passan

PREFACIO

A leitura d'este interessante, curioso e attra-hente volume de versos denuncia um grande poeta que, prodigamente dotado pela natureza, educa todos os dias, com tenacidade, as bellas qualidades originarias, que lhe enriquecem e singularisam o talento: imaginação poderosa, sensibilidade delicada, elocução espontanea, individual e propria.

Augusto de Lima entende a arte, como eu a comprehendo.

E' talvez este o segredo do irresistivel enthusiasmo que lhe consagro.

A meu ver, a arte é a expressão immutavel das impressões multiplas e successivas que o espectáculo da natureza ou o drama da existencia reflectem no espirito que os contempla e interpreta. O que caracteriza o artista é a faculdade de descobrir e aprimorar symbolos que, revestindo, com a belleza da forma, o sello e a virtude da perpetuidade, conservam e communicam, sempre viva e energica, a emoção que se recebe das cousas que passam.

VIII

A principal inspiração é a da forma. A mais fina essência perde-se, despercebida e ignorada, quando a encerra um vaso grosseiro. Os mais suaves sentimentos repugnam, se contrastam com a expressão que os envolve.

A arte suprema consiste na correspondência exacta, na equivalência perfeita, entre a forma e o pensamento. Os artistas dignos deste nobre nome não têm, não conhecem outro *ideal*.

Entre as innumeráveis expressões, a que uma mesma idéa pôde amoldar-se, ha uma unica que lhe dá, na existencia exterior, a vida intensa e completa, que a faz palpitar na imaginação creadora.

Para encontrar essa expressão unica, insubstituível, escondida mysteriosamente no vasto abysmo das expressões semelhantes, é que se requer o dom divino, o prestigio sobrenatural da inspiração.

Nem sempre se attinge esse ideal, quasi inacessível ; mas para merecer a immortalidade, é imprescindível procural-o sempre, e tel-o attingido algumas vezes, ao menos.

N'este livro nota-se a preocupação infatigavel, o esforço constante d'esta tendencia, frequentemente victoriosa, affirmando-se em fragmentos de uma perfeição inimitavel, em que não ha palavras superfluas, em que cada vocabulo contém uma intenção artistica complexa, já pelo valor intrinseco, já pelo

valor do logar que no verso occupa :—trechos irreprehensíveis, em que tudo concorre para o effeito esthetico, que o poeta quer produzir, e realmente produz.

Não cito. O leitor por si verificará o que digo.

Das censuras que devo fazer a este volume, mencionarei apenas uma : é um protesto contra o titulo. Ou melhor : não sou eu quem protesta, mas as paginas immorredouras que elle refolha entre muitissimas ephemerás.

Contemporaneas, este livro ! Augusto de Lima blasphemou.

Si a obra não desmentisse o titulo, eu não accitaria a honrosa permissão, que o autor me deu, de escrever n'esta primeira folha o meu modesto e obscuro nome, repetindo, ao mesmo tempo que o assigno, a celebre quadra de Bocage, inspirada pelo presentimento dos applausos da posteridade :

A'quella enchente de glorias
 Ou tu voarás commigo,
 Ou hei de, engeitando o premio,
 Morrer de todo comtigo.

THEOPHILO DIAS.







Ille

be

ex

da

jo

fl

da

Um

ox

ra

da

e



ILLUSÕES QUE EU AMEI...

*Illusões que eu amei ao despontar da vida,
bonançosa esperança, esmeraldino mar,
em que vogou meu berço á viração querida
de suspiros de amor; ó aves de meu lar,
jardins que alimentou a carícia materna;
flôres que desfolhei, cantando e rindo á luz
de aurora fulgurante e que eu julgava eterna!*

*Um momento deixai vossos nimbos azues,
onde, ha muito, dormis, e vinde, em revoadas,
robustecer-me a crença, encher-me o coração,
deslumbrar-me na luz de vossas alvoradas
e povoar, enfim, a minha solidão.*

*Multiplique se em vós minha alma a cada passo,
como a côr no crystal prismático do espaço,
e haura em vossa memoria o intrepido vigor,
para sempre me achar, valente luctador,
da vida social na porfiada liça,
ao lado do dever e ao lado da justiça.*

*Vós sois o meu passado e sois o meu porvir,
ensinando-me o Bem e dando-me a sentir
a eterna aspiração, que o homem nunca perde;
porque é a propria Esperança o grande pendão verde,
atrás do qual desfila o exercito vital
das almas á conquista augusta do Ideal.*

ATRAVEZ DOS SECULOS

O globo estava escuro, o firmamento baço.
Arrebatado n'aza invisível dos ventos,
eu ouvia gemer no indefinido espaço
as mortas gerações dos seculos poentos.

Filhos de antigos sóes, filhos dos novos dias,
monstros, idolos, reis, virgens de rostos pulchros,
corpos vãos de alma, almas de amor vãsias,
erguiam-se a meus pés do fundo dos sepulchros.

Como ondas que as marés vão arrojando ás plagas,
num denso remoinho electrico de gritos,
eu via o turbilhão dessas humanas vagas
bulhando no cairel dos tempos infinitos.

A guerra fratricida, a tyrannia, o roubo,
a crapula, o veneno, as tramas hediondas...
Messalina, a cadella, Heliogabalo, o lobo
crusavam-se a rolar, arrastados nas ondas.

E o vento cada vez tornava-se mais forte,
e o ruido crescia, e a treva era mais densa:
nisto ouvi rebentar dos vagalhões da Morte
um grito, que echoou pela abobada immensa.

E subito acalmou-se a agitação das massas,
e o vento me depôz. Um estellino albor
vinha lavando o céu das funebres fumaças:
— era a constellação das lagrimas do Amor.

A DESCIDA

HOMEM, remove este rochedo e a rara
galeria interior contempla e estuda ;
desce, e da terra pela ossada muda
leva tua razão de sciencia avara.

Na treva esvae-se a luz ha pouco clara,
o ar em sulphureo gaz já se transmuda :
coragem ! desce, e os seculos saída,
desce mais, desce mais... agora pára.

Mas não ! lá fulge um fogo subterraneo :
— e mergulhas no cerebro do globo,
— e lhe penetras de outro lado o craneo..

Desce ! não ! sobe agora ; um brilho intenso
te invade o corpo, e num heroico arroubo
eis-te boiando no oceano immenso.

ENTRE AS ARVORES

(A FONTOURA XAVIER)

Aqui eu sinto a Vida em impetos sonoros
devassando-me a luz de seus grandes arcanos,
e esta seiva febril me infiltra pelos póros
o sangue matinal de meus primeiros annos.

Fascina-me o verdor primaveril das plantas;
não sei que magnetismo occulto as hervas têm,
que eu julgo, ó Natureza, em tuas pomas santas
beber tragos de luz e nectares do Bem.

Vendo o sangue do sol coado entre as ramagens,
que insolita voluptia incandescente eu sinto!
e como fito attento as ruinas selvagens
de uma pedreira antiga, ou de um volcão extincto!

Amo entranhar-me a sós nos flaccidos maeiços
das lianas, e ter a alegria pagã
de no meio me achar dos satyros roliços,
ouvindo tocar flauta o harmonioso Pan.

Num turbilhão sonoro, as aves de mil côres
enchem a immensidão de limpidas risadas,
emquanto Flora aneia em convulsões de flôres
na nitida belleza azul das alvoradas.

Como um *cactus* ao sol, minha alma desabrocha,
e os perfumes do canto entorno, a frouxo, no ar...
Depois, escuto o vento, e fito a arida rocha
e as aves sobre mim que passam a cantar.

O azul do espaço desce em gotas scintillantes
às entranhas gentis das tremulas boninas,
e, numa inundação de vagas de brilhantes,
a luz serena banha as longinquas campinas.

Os rudes Leviathans dos mares de verdura
curvam potentemente a robusta cerviz !
Range o cedro:—é um hymno ; e as folhagens n'altura
torvellinham soando em vibrações subtis.

Nos concavos sem fim das grutas solitarias,
á dubia refração das humidas pyrites,
corre serenamente, algida em fendas varias,
a lymphá que nasceu nas velhas stalactites.

A onça gemedora as palpebras vermelhas
escancara e boceja; espreita... e segue após,
compassada no trilho: uma nuvem de abelhas
acompanha-a, soltando a zumbidoura voz.

Contrastando a altivez do carrascal felpudo,
em cachões a cascata espumejante tomba
dos negros alcantis, — emquanto sobre tudo
paíra a alegria eterna, assim como uma pomba.

Na natureza a alma harmonica das cousas,
complexa, se derrama em fórmás multicóres,
ora na robustez das arvores frondosas,
ora na muda voz colorida das flôres.

O canto de uma ave exprime o aneio extremo
do coração de um Deus, no espaço a soluçar;
e espelha-se tambem a luz do amor supremo
no phosphoreo clarão dos olhos do jaguar...

Em teu seio, ó Floresta, onde o Bello descança,
ao rebentar da Vida a torrente sonora,
ouço dentro de mim o canto da Esperança,
como um clarim vibrante ao despontar da aurora!

« F
e
m
m

Veja
o
a
e

O SCEPTICO

“ PERCORRO da sciencia o labyrintho,
e em tudo encontro um echo duvidoso:
materia vã, espirito enganoso,
mentis, tudo é mentira, eu só não minto.

Vejo, é verdade, a vida e a vida sinto,
o calorico, a luz, a dôr e o goso,
a natureza em flôr, o sol formoso
e o céu das côres da Alliança tinto.

Mas quem, senão eu mesmo, vê tudo isto?
e quem pôde afirmar-me que eu existo,
visões celestes, velhas nebulosas? »

E em seu craneo a razão desponta e morre,
como o santelmo fatuo, que discorre
na solidão das minas tenebrosas.

Ou

Do

ELEVAÇÃO

(A AMÉRICO LOBO)

OUTRA essência, outra fôrma, azas tivera
de um albatroz universal, gigante,
e eu tentaria a viagem pela esfera,
embarcação de pennas fluctuante.

Do globo perlustrar não vistas zonas,
os tropicos de fogo e o pólo frio;
de manhã beber agua no Amazonas
e á noute adormecer no sacro rio.

Bem afastado do bulício humano,
sentir envolto num luar de prata,
o salso cheiro salutar do oceano
e os effluvios balsamicos da matta.

E quando já de tédio e de cansaço
gemesse a vida, então, me fosse dado
ir procurar nas amplidões do espaço,
junto do sol, meu tumulto dourado.

E abrindo as azas de fulgentes pennas,
num vôo immenso que assombrasse os mares,
desfazer-me na Luz, deixando apenas
palhetas de ouro esparsas pelos ares.

N

fa

q

«

Dei

e

d

«

EVANGELHO E ALCORÃO

NUM tom de voz, que a piedade ungia,
falava o padre ao crente do Alcorão,
que no leito da morte se estorcia:
« Implora de Jesus a compaixão.

Deixa Mafoma, ó filho da heresia,
e abraça a sacrosanta religião
do que morreu por nós... » e concluía:
« Si te queres salvar, morre christão. »

Ao filho de Jesus o moribundo
ergueu o olhar esbranquiçado e fundo
onde da morte já descia o véo.

Mas logo se estorceu na ancia extrema,
e ao ver da Redempção o triste emblema,
ruge, expirando: « Allah nunca morreu! »

COLERA DO MAR

(A ASSIS BRAZIL)

DISSE o rochedo ao mar, que placido dormia:
« Quantos millenios ha que, tu, negro elephante,
tragas covardemente esses, cuja ousadia
arrisçou-se em teu dôrso enorme e fluctuante? »

O mar não respondeu; mas um tufão horrendo
cavou-lhe a entranha e fez estremecer de medo
o coração do abysmo. Então o mar se erguendo,
atirou um navio aos dentes do rochedo!

Ó

a
q
n

Sois

a
r
P

OS FERREIROS

Ó vultos varonis, resplandecentes
ao rutilar fecundo do trabalho,
que á pobreza buscastes agasalho
nas forjas inflammadas e candentes.

Sois os Messias, que ensinai ás gentes
a despir do Passado o vil frangalho:
rompe um sol, cada vez que tomba o malho,
porque sois outros tantos orientes.

Fazei rolar a esplendida cascata
do trabalho incessante pelas vasas
das rochas da Materia, a progredir...

Que essas chispas ardentes, que desata
vossa bigorna, orvalho são de brasas
para a flôr luminosa do Porvir.

O g
cor
Sub
e p
bra
que
Da se
o c
e m
á d
e a

O INQUISIDOR

(A LÉO DE AFFONSECA)

O grande Inquisidor escreve á luz de um cyrio :
corre de seu tinteiro o sangue do martyrio.
Subito, uma mulher acerca-se da mesa
e prostra-se: "Senhor! um dia a natureza
bradará por meu filho, a victima innocente,
que amanhã vai ser posta á morte iniquamente!
Da sentença riscai, com generoso traço,
o confisco, o pregão, o anathema e o barão ;
e mandai demolir a forca que abre a cova
á decrepita mãe, á esposa ainda nova
e a tres filhos, Senhor, entes que Christo adora !

A maldição não tisma, é certo, a luz da aurora,
 e nem pôde manchar a fronte encanecida,
 que a tarde da velhice é a aurora da outra vida.
 Como Xerxes punindo o mar com ferro em braza,
 em vão buscais cortar a inacessível aza
 do pensamento: — o ideal é um lucido oceano
 e uma invencível aguia o pensamento humano;
 mas, si preciso fôr, em nome delle abjuro
 a razão, a sciencia, os astros, o futuro. »

Fez-se solemne pausa ; e com accento triste
 fala o grande juiz : «Pois bem ! mulher, feriste
 a fibra paternal do Inquisidor austéro ;
 volta tranquilla ao lar, pois choraste, e não quero
 espalhem os clarins da vil maledicencia
 que a justiça de Deus mais pôde que a clemencia.
 Accolhi teu clamor humilde e o vão perdão,
 vai na paz de Jesus, por Elle te abençoô ;
 quanto a teu filho amado, illeso das mais penas,
 ha de ser, para exemplo, esartejado apenas. »

PUNG
 o es
 quiz
 em P

No nin
 como
 dava
 a hec

A VISÃO

(A ARGEMIRO GALVÃO)

PUNGIDO pelo dente acerbo das chimeras,
o espirito subtil de um tragico poeta
quíz ver a desfilár, como o antigo propheta,
em prestito solemne, as porvindouras éras...

No nimbo que produz as verdes primaveras,
como no Apocalypse, um fulgido cometa
dava em ignea legenda a formidavel méta,
a hecatombe final das rutilas espheras.

Do ponto do zenith, que julgou entreaberto,
parecia bramir o velho Deus, coberto
do manto secular, rôto como um espolio.

E já cuidava ver a vingadora espada
do Archanjo, quando ouviu dar uma gargalhada
o biblico Satan, armado de um *in folio*.

EN
Ira
tur
nu
e a
das

E as
im
os
ent
as
est

UNDA ET IGNIS

ENTUMECEU o mar no bojo de granito.
Irado prisioneiro, as vagas encrespadas,
tumultuando atira ás rochas escarpadas,
num bramido feroz, num portentoso grito:
e as algas, e os coraes, e os monstros, e as sereias
das correntes febris arrastam-se nas veias.

E as vagas vão subindo... e, liquidas montanhas,
imergem no horisonte azul e transparente
os horridos perfis, e vão ao continente,
entre um choro infernal e musicas extranhas,
as marés a ferver frementes, uma a uma,
estourar, desfazer e reduzir a espuma.

Não perde inda a esperança o rigido oceano :
um confuso ideal, um anceiar constante
lhe rõe a negra entranha. Homérico gigante,
vem-lhe da luta a vida ; em porte soberano,
recomeça a peleja, e as legiões de vagas
vêm-se quebrar de novo ás formidaveis plagas.

Como um sombrio heróe, a dormir socegado,
sob a cota de malha inteiriça, invencivel,
repousa o continente, immovel e impassivel
aos gritos do rebelde e eterno sublevado ;
e aos roucos vendavaes das coleras hediondas,
responde co'o silencio ás implacaveis ondas.

E não podendo, então, os ingremes rochedos
de uma vez escalar, as insanas guerreiras
internam-se na rocha e, insolitas mineiras,
vão devassar da Terra os intimos segredos ;
abrasam-se em seu seio, e em rudes convulsões,
arrojam-se, depois, das boccas dos volcões !

VOGANDO

(A AFFONSO CELSO JUNIOR)

DESLISA rio abaixo incerta prôa:
ninguem a bordo; preso a duro laço,
chora um cahido remo ausente braço.
Que porto busca a singular canôa?

Mas eis que além, com rapido fracasso,
um rochedo invisivel a abalrôa,
e momentos após, de espaço a espaço,
fragmentos soltos vão boiando a tôa...

Mais infeliz do que o baixel sombrio,
vou eu singrando da existencia o rio,
tendo a bordo o cadaver do Passado.

E não achar, como elle, um arrecife
que despedace as taboas deste esquife,
na corrente sem fim arrebatado !

R
e
q
d
é
a
o

Ma
o
e
É l
e
d
e

A ILHA DE CORAL

(A OCTAVIO OTTONI)

ROLAM no mar do Tempo annos, seculos, éras ;
extinguem-se os volcões, rompem novas crateras,
que extinguem-se a seu turno ; elevam-se cidades
das ruinas, o altar das velhas divindades
é derrocado, e surge um novo culto ; em summa,
a vida universal vae num batel de espuma
os seres levantando e os seres submergindo.

Mas no fundo do mar, num sonho eterno, infindo,
o paciente polypo, o artifice fecundo,
erige lentamente a construcção de um mundo.
É lá na solidão da submarina rocha,
entre o salso juncal, que o germen desabrocha
da vida elementar sob a imperfeita fôrma ;
e eis que aos poucos se estende e aos poucos se transforma.

A principio é um arbusto, após arvore grande,
mais tarde uma floresta immensa que se expande,
germina e reproduz outras tantas, e destas
irrompem triumphaes camadas de florestas.

E dos turvos pégões, rasgando a humida clamylde,
vem subindo, vermelha, a altissima pyramide...
Mais um seculo, e então converte-se em montanha ;
mais uma noute, e o sol o pincaro lhe banha.

E pela vez primeira ostenta a rica flora,
e recebe o baptismo esplendido da aurora !

A AGONIA DE CHRISTO

No instante em que Jesus soltou o extremo alento, refere a tradição que um grande cataclysmo convulsionára o mundo, universal lamento que a Materia arrancou do pavido organismo.

Os planetas, o mar, a rocha, o bosque, o vento, levados na attracção de extranho magnetismo, soluçavam de dôr um tristissimo accento.
— Surgiu um osso humano, então, de cada abysmo!

Pranto de sangue, o sol abandonára os ares
e em filetes cobriu a Victima dorida,
como uma stalactite esplendida de luz.

E o Libano curvando as cópas seculares,
o Golgotha saudou: — ó rocha denegrída,
não és esteril mais, em ti florece a Cruz!

AS LAGRIMAS DO REGATO

(A ALBERTO DE OLIVEIRA)

NA abobada sem sol da região dos fosseis,
o regato calcareo, os seus meandros doces,
desenha pelo vario e tortuoso gyro.

O feldspatho irisado, o severo porphyro
e os blócos colossaes do esculptural basalto,
banha, circumda e enflora, e vae de salto em salto,
e vae de curva em curva, o barathro descendo,
do arboreo crystal fluido os fios estendendo...

Um delles atravessa a gorja petrea e ossuda
do elephante primévo, outro em lago se muda :
este vae esmaltar os veios de pyrite,

aquele em gotas cae da dura stalactite,
como o leite que flue de exuberante poma,
este outro de um repucho a esparsa fórma toma.
Mas todos vão descendo em impeto fremente,
porque descer é sempre a sorte da corrente.

E o regato viajor no abysmo solitario,
depois de completar na terra seu fadario,
lembra-se com saudade, o misero e mesquinho !
do tempo em que tocava a roda de um moinho ;
em que ouvia de tarde as amorosas queixas,
dos salgueiraes banhando as luridas madeixas
e do sol reflectindo o disco luminoso.
Quem lhe déra voltar a esse viver ditoso ?
E no silencio, então, das lagrimas supremas,
vae-se crystallizando em perolas e gemmas...

Po
e
a
e

Por
p
h
d

O POLVO

POLVO da eterna Dôr, debalde apertas
em teus fortes tentaculos sedentos
a humana essencia, contra a qual despertas
em teu furor os varios elementos.

Por mais que o goso em rudes soffrimentos,
por mais que em cardos os rosaes convertas,
hão de ao Homem jorrar novos alentos
da consciencia as thermas sempre abertas.

Assim ao mar, que canta, estúa e brama,
ha seculos o sol, polvo de chamma,
em cada raio suga-lhe uma gota.

Mas a seus pés, batidos, noute e dia,
os continentes bradam á porfia :
« Rios ao mar ! » e o mar nunca se esgota.

E

s

n

a

O'

ó

n

n

Ess

q

é

o

O AMOR

(A THEOPHILO DIAS)

EU nunca desfolhei as verdes esperanças
sobre o lago lethal do negro scepticismo,
nem nunca derramei nos *albuns* de lembranças
as lagrimas fataes do velho romantismo.

O' noutes ideaes dos tristes trovadores,
ó noutes de luar dos tragicos Romeus,
nunca me deslumbrei nos vossos esplendores,
nunca vos descantei nos pobres versos meus.

Esse morbido lume, algente, côr de prata,
que derramais á flux das limpidas alturas,
é um veneno subtil e perfido, que mata
o singélo candor das bellas almas puras.

Por isso, eu vos prefiro, á vós, a luz candente
do intemerato sol possante e abrasador
entornando no mundo a uberrima semente,
que dá vida á Materia e aos homens dá valor.

Sim! gosto de o fitar, quando como uma bençã
derrama-se na fronte augusta do Trabalho,
emquanto na bigorna os metaes se condensam
ao pesado ribombo esplendido do malho!

Quando o seio febril das massas que entumecem
da industria universal os fétos portentosos,
do commercio ao rumor sem fim se desvanecem
na fecunda expansão dos risos jubilosos...

*
* *

E, pois, o amor que canto, a sacrosanta chamma,
que veste o coração de inextinguiveis galas,
não tem nem o final triste de um melodrama,
nem o fino perfume exotico das salas.

Não é o amor ideal tecido de chimeras,
o amor que se traduz nas doces cavatinas,
e vive de cantar sómente as primaveras
e de sugar o mel do calyx das boninas...

○ amor franzino e meigo, o amor da Decadencia,
que anda nos camarins dos theatros de luneta,
cheio de pó de arroz e a recender á essencia
dos extractos subtis da fina violeta...

○ leão da moda, o *chic*, o amor das flôres bellas,
que do piano aos sons nas salas esvoaça,
e ora alegre, ora triste, encosta-se ás janellas,
fito o travesso olhar na rua a ver quem passa.

*
* *

Eu canto o grande Amor, a eterna lei dinamica,
que imprime movimento ás fibras da materia,
e como o Mahomet, na velha lenda islamica,
os seres arrebatá á immensidade etherea.

E que, feito attracção, percorre os universos,
suspendendo no espaço os mundos planetarios,
e na terra do olhar das mãis pendura os berços,
espargindo no lar a luz de mil sacrarios.

Sim! eu canto esse amor, multifôrme e complexo,
espalhado pela alma universal dos mundos,
que, num iris eterno e num eterno amplexo,
liga o azul da amplidão aos baratros profundos.

Nas entranhas da terra, assim como na dorna
borbulhando referve o vinho em borbotões,
assim elle referve, entumece e se entorna
feito lava, depois, dos antros dos volcões.

Sobre o leito sem fim da movediça areia
elle faz soluçar o oceano, enternecido
aos accordes subtis das lyricas sereias,
— e inchado ás vibrações do tufão desabrido.

E quando pelo espaço a rapida scintilla
electrica espedaça ás nuvens condensadas
o monstruoso bôjo em vibrações vermelhas,
expedindo trovões e raivas abrasadas ;

Elle desce subtil nas azas da tormenta,
nos pingos de crystal das chuvas abundantes,
a fecundar da terra a entranha poeirenta
e a raiz secular das arvores gigantes.

Sacrosanto, profundo, immaculado, eterno.
Ora é como os heróes, robusto, estoico, enorme,
ora meigo e singelo, é como o olhar materno,
fitando o doce berço onde a criança dorme.

É o amor, que sorri, que expande-se, que lida
de dia, e á noute vela e sollicito vem
a correr fibra a fibra o organismo da Vida,
deixando em cada uma o tonico do bem.

Que o trabalho amenisa e os homens avigora
na grande robustez dos fortes corações,
e faz-nos cada peito alegre como a aurora,
cada aurora o cendal de aligeras canções.

O amor sereno e bom, o grande democrata
que nivéla a cabana e o paço da realeza,
liga num laço d'ouro os seios côr de prata
e os seios côr de sangue: — o heroismo e a belleza

* * *

Ahi tendes o Amor do seculo pujante,
a portentosa lei que ha de reger o mundo,
quando o sol, que hoje rompe apenas no levante,
attingir do zenith o paramo fecundo.

É forçoso que após a morte desastrosa
das divindades vãs, phantasticas de outr'ora,
se eleve, como um astro, a crença luminosa
de uma igreja maior, mais forte e duradoura.

Seja, pois, o universo a grandiosa Igreja,
onde o novo ritual em pompas de Thabor
celebre-se, e cada um o sacerdote seja,
e cada peito o altar da religião do Amor.



SONHO TRANSFORMISTA

(A GASPAR DA SILVA)

O gyro do Ser é vario
do Tempo ao eterno escôpro.
O goso de hoje é precario,
e foge-nos como um sôpro.

Quem diz que a flôr no pedunculo
não é uma alma a scismar,
e que os brilhos do carbunculo
não são chammas de um olhar?

A podridão é antithetica:
crea os vermes e os perfumes,
e na sua treva hermetica
palpitam ridentes lumes.

É uma retorta o ossuario,
em que fabricam-se as flôres,
do humor frio de um sudario
fazem-se as tintas das côres.

É monotona a existencia
antes da Dissolução ;
só depois a nossa essencia
paira livre na amplidão.

Ou pelo deserto livido
vai correndo errante, errante...
ou da flôr no calyx vivido
se faz perfume fragrante.

Arranquem-me a ardente tunica
da vida agitada e vã :
vejam, minha ambição unica
é de ser lyrio amanhã.

Eis
cu
U
nã

Quan
ab
din

É o
tris
que

O ABYSMO

(A ALCIDES LIMA)

Éis o monstro voraz aberto no granito,
cujo rugido o vento asperrimo levanta;
Ugolino do horror, do antigo cháos proscripto,
não tem fórmãs, nem corpo:—é todo uma garganta.

Quando o dia desponta, e na esfera azulada
abre-se a grande flôr do fulgido arrebol,
dir-se-hia o velho abysmo um bocejo do nada
para tragar o Sol!

É o grande monumento exotico das cousas,
triste como a visão azul de uma montanha,
que em vez de altear ao céo, a mais vasta das lousas,
pela terra se entranha...

Caliban nelle dorme o somno prehistorico
 sob o branco montão dos estriados ossos ;
 e do mundo primevo o centauro allegorico
 entalha-lhe na pedra os tabidos destroços.

Os evos longamente em seu bojo resoam...
 os mysterios do Ser ferem-lhe as fibras roucas,
 e os concavos reboam
 o chôro universal, como um milhão de boccas.

E quem o ousa fitar, como Plinio perece,
 ou ao pé do cairel sente um tremor extremo
 pela espinha dorsal, bem como se temesse
 ver arder-lhe no fundo o olhar de Polyphemo...

Elle canta, é seu canto o chôro das tormentas,
 tem soluços de amor, soluça como Phedra,
 e o Tempo lhe derrama, em agonias lentas,
 a dura stalactite, a lagrima de pedra.

E a vasta cathedral, em cuja nave ingente
 psalmea o velho Deus das legendas sombrias,
 e rumoreja a tréva ao accorde plangente
 do organ das ventanias.

Elle, o filho do cháos, sabe tambem ás vezes
descrer e ser atheu, bramir como os trovões
e arrojara para o céo da terra as rubras fezes:
— sabe fundir metaes e fabricar volcões!

* * *

E contudo, elle tem mil attracções suaves
e musicas sagradas.
Elle fascina as aves,
e as aves vão cahir-lhe ao seio inanimadas.

Em seu labio feroz não raro brota o lyrio,
e a viçosa liana o corôa de flôres;
e á noute, a lua vem num nervoso delirio
nas veias lhe entornar magneticos humores.

Durante o temporal o ether condensado
arranca á nebulosa um fragmento de luz,
e o bolido inflammado,
como um raio fecundo, á face lhe conduz.

* * *

Elle que tem em si a grande força magica,
 elle tambem á Arte inspirações suggere...
 Quem nos diz que a amplidão não foi a Musa tragica
 « de Dante Alighieri?! »

Creta teve um abysmo, o labyrintho historico,
 onde o Passado geme inda um soluço immenso;
 e o craneo, que ideou o bello templo Dorico,
 foi talvez um volcão a vomitar incenso.

Um portentoso, escuro artista de outras éras,
 um genio, cujo nome a Historia não attinge,
 apalpou de um abysmo as pulsações austeras,
 e levantou na rocha esse outro abysmo — a Sphinge.

*
 * *

É que elle tem as leis do movimento ethereo,
 dynamica immortal que os seres multiplica,
 e faz brotar a Vida até no cemiterio,
 — que a lei do movimento a lei da Vida implica.

Quem pôde comprehender-lhe a extensão tenebrosa,
ao immenso Protheu, rival do firmamento?

Quem lhe sabe o mysterio e a tragedia assombrosa?

Quem é que o pôde encher?

Talvez o Pensamento.

O
s
e
d

"Q
e
n
c

O'
e
tu
lo

OS DOUS CHRISTOS

(A ASSIS BRAZIL)

O velho Satanaz soturno divagava
sob o immenso docel de negro firmamento,
e aos poucos um rumor confuso lhe chegava
destas vozes fataes trazidas pelo vento :

« Quando scismavas triste e só no Horto,
entre as sagradas arvores sombrias,
na tréva hostil de um céu turvado e morto,
collada a fronte ardente ás pedras frias ;

O' Christo, até de ti mesmo descreste,
e pensando na cruz, da angustia escrava,
tua cabeça fulgida, celeste,
longas gotas de sangue porejava...

Não sei que voz occulta e mysteriosa
 da tréva te bradava com furor :
 « O' Nazareno, ó victima artilosa,
 tu não és Deus, tu és um impostor ! »

Uma agonia lenta então tomou-te,
 jorrava o rubro sangue cada arteria,
 enquanto teus *amigos* sob a noute
 resonavam na inercia da materia.

*
 * *
 *

E porque consumaste o sacrificio,
 do calyx mystico esgotando o fel
 inutilmente no fatal supplicio,
 ó moribundo filho de Israel ?

E o que ficou do *codex* peregrino,
 do Testamento que legaste ao Homem ?
 Folhas como as do livro do Destino,
 que aos ventos do futuro se consomem.

A grande cruz, a ensanguentada vide
do vinho precioso, hoje se fez
do clero torpe um sordido cabide,
em que pendura a propria hediondez.

Embora o Homem busca atraz da escura
batina a luz que no calvario exangue
accendeste: na febre que o tortura,
em vez de achar a luz, encontra o sangue.

E quando no passado, o olhar attento,
busca fitar-te sobre a cruz sagrada,
entre elle e ti se eleva o atroz, sangrento
phantasma secular de Torquemada.

Onde o poder divino que dizias
ter nas mãos, quando em balsamos supremos
os teus rudes apostolos ungias?
— Oh! descremos de ti, Christo, descremos!

Caiste, como cãe qualquer na lucta;
propheta, o verbo teu não mais echôa,
martyr, a tua tunica impolluta,
a ventania do porvir rasgou-a!

A limpidez azul da antiga crença,
em que brilhava o mystico Thabor,
toldou-a agora uma caligem densa:
a fumaça da Industria e do Vapor.

Rompeu-se o véo do Templo, onde mysterios
celebravam os rigidos levitas,
amalgamando ao pó dos cemiterios
as lagrimas das dôres infinitas.

De teu tragico inferno a densa lava
a rebramir no abysmo horrido, espesso,
ó mallogrado heróe, já não bastava
p'ra aquecer as caldeiras do Progresso.

Tua missão está completa. Agora
pódes volver á solidão infinda;
mas vai depressa, porque vem a aurora,
e te póde encontrar aqui ainda.

.....

*
* * *

E tu, Homem, eterno caminheiro
da via dolorosa da Verdade,
é tempo de elevares sobranceiro
a grande luz de tua magestade.

Não te vença o punhal que dilacera
esse peito, em que a Dôr blasphema e chora:
é no bôjo da Noute que se opéra
a luminosa gestação da aurora!

Não envergues a fronte augusta e casta
ao soffrimento rude, á mágua funda:
a dôr, que hoje te corta a entranha vasta,
é como a dôr do parto, é dôr fecunda.

Abysma o olhar em tua consciencia,
e encontrarás as perolas do Bem;
trabalha, colhe a esplendida opulencia,
que as minas de teu cerebro contém.

Da antiga divindade o grande assento
ruiu de ha muito ás lucidas procellas.
Não procures mais deus no firmamento:
— o firmamento só contém estrellas! »

E Satanaz caiu num meditar profundo ;
e cruzando no peito as mãos, cheio de dôr
prostrou-se, e ouviu-se, então, o tentador do mundo
num soluço gemer : — Perdôa-me, Senhor !

TRE
rug
as
a c

A bil
com
do
e si

O VOLCÃO E O SOL

(A RAYMUNDO CORRÊA)

I

TREME a montanha e se abre em impetos indomitos:
ruge-lhe o ventre, e um philtro ardente de atro enxofre
as veias lhe percorre... até que em rubros vomitos
a descarga de fogo arrebenta de chofre.

A bilis borrascosa estruge-lhe na entranha,
como um fêto maldicto. Os calcinados ossos
do velho pachyderme estremecem na extranha
e sinistra mudez dos quaternarios fossos.

E parecendo ouvir a voz lenta, vibrada
da lendaria trombeta, o ichthyosauro na gruta
subterranea escancara a invalida queixada,
e nas patas firmado, attentamente escuta...

Do turbido cairel, betuminoso e horrendo,
que a larga fauce abrindo, arfa estentoreamente,
o colosso de fogo aos céos alto se erguendo,
descreve na amplidão mil roscas de serpente.

E dobrando, solemne, o dórso audacioso,
cinge os flancos do espaço em tantalico ardor.
Entretanto, no céu sereno e grandioso
rola o sol triumphante a luz do eterno Amor.

II

Assim tu, coração, em quanto em paroxismos
despedaças a flôr de nossos sentimentos,
e a atiras desfolhada aos perfidos abysmos,
aos impetos dos ventos;

Não importa! refulge, esplendido e espontaneo,
enchendo-nos de luz caudal veia por veia,
no pino da razão, no ardente céu do craneo,
o eterno sol da Idéa!



FLOR CARNIVORA

(A LUCINDO FILHO)

HÁ uma flôr de lindo aspecto
e colorido brilhante,
cujo perfume fragrante
attrahe ao calix o insecto.

As azas fechando e abrindo,
este o mel nectareo bebe,
no entanto a flôr o recebe
as petalas contrahindo.

Contrahe-as e se abotôa,
e tanto os nervos constringe,
que a corolla o suor tinge
da seiva que alimentou-a.

E na rescendente cella
o aventureiro encerrado,
depois de a flôr ter sugado,
eil-o sugado por ella.

Tal a sorte da alma louca,
que attrahida pelo goso,
o doce philtro amoroso
vae beber em tua bocca.

Pois, és a imagem exacta
da bella flôr assassina,
que mellifica e fascina,
perfuma, seduz e mata.

O r
e é
pav
pel

Elle
si :
que
âqu

AMIGO

O rochedo é deserto. Elle avança... recúa...
e é preciso morrer, comtudo. O vento geme
pavorosas canções nas arvores, a lua
pela face do mar, triste, indecisa treme.

Elle vacilla: o abysmo é perfido, quem sabe
si a morte não será peor que a propria vida,
que a vida tormentosa e estúpida que cabe,
áquelle, cujo peito é uma aberta ferida?

Porém, silêncio — um grito ao longe como um canto
de saudade gemeu, um lamento de dó,
e logo um cão chegava, em cujo olhar o pranto
parecia pedir que o não deixasse só.

Anceiava soturno, o olhar na immensidade,
o tronco erguido ao vento, o aspecto hirto, selvagem
meditou: vida... morte... inferno... eternidade...
—o corpo ergueu, volteou e... tombou na voragem.

Por um momento o cão esperou anhelante;
presentindo, porém,
que elle não vinha mais, num uivo lancinante
atirou-se tambem.

A UM CAÇADOR

OLHA essa plumagem linda,
iris formoso e suave:
não sentes remorso ainda?
que mal te fez a pobre ave?

O projectil avicida
quebrando-lhe as azas, deu
um jorro dessa ferida
de sangue da côr do teu...

Ha uma só lei da Existencia
sob a esphera luminosa:
partilham da mesma essencia
homem, ave, estrella e rosa.

Ella cantando vivia,
correndo, voando no ar.
Será delicto — a harmonia,
um attentado — voar?

Vivia tecendo ninhos
para os filhotes, apenas;
pobres menores mesquinhos,
sem mãe e ainda sem pennas!

As normas da natureza,
fiel, não quebrou jámais;
nunca invadiu da pobreza
os minguidos cereaes.

Vê bem que fizeste, dando
a morte a esse martyr ente.
És réo de um crime nefando,
verteste o sangue innocente.

Ai! prole da primavera,
que será della amanhã?
Pela mãe espera, espera...
porém, esperança vã.

De tudo que canta e v^oa
e fulgura és odiado:
a aurora não te perd^oa,
condemna-te o sol dourado.

O esp
muita

e nos
e faz

Então,
surdo

Cada
estala

FEBRE ESPIRITUAL

(A PEREIRA DA COSTA)

O espirito infernal, que nosso craneo habita,
muitas vezes no ardor de uma insomnia maldicta
tem risos de Voltaire,
e nos dá a entrever visões que a febre trazem,
e faz de nós no leito o que as crianças fazem
de um titere qualquer.

Então, como o estridor de arrastadas correntes,
surdo rumor se escuta, em convulsões dementes
ruge a Duvida atroz.

Cada nervo febril vibra como uma corda,
estala cada arteria e o coração, que acorda,
dá gritos dentro em nós.

Brada o espirito assim nos circulos da idea:
 « Carne, eu quero saber tudo que nos rodea,
 tudo que o mundo tem.
 Quero da omnisciencia á vasta claridade,
 caminhando feliz na via da Verdade,
 ir abraçar o Bem. »

Porém no craneo vão nenhuma voz responde.
 « Donde vieste assim, argila rude, donde
 houveste a vida, o ser?
 Ensina-me do mundo o alto mysterio mudo,
 tudo que a criação contém, me ensina tudo,
 que eu gosto de aprender...

A vida no organismo, o sangue a arder na arteria,
 o rugido na féra, a força na materia,
 o amor no coração...
 a luz que, sendo fogo, espalha-se nas vagas,
 que entranha-se no seio estúpido das fragas
 e brilha na amplidão...

Os risos do loureiro, os prantos do cypreste,
 da noute o lucto atroz, da aurora o azul celeste,
 a purpura do sol...

Que differença ha entre um corpo esbelto e lindo
e um corpo morto e vil do lupanar sahindo
envolto num lençol ?

De que materia prima os tecidos organicos
se formaram um dia, e de que sons titanicos
os canticos do Mar ?

Que proporção se dá ao velho cahos profundo,
o diametro do espaço e do infusorio o mundo,
mundos a germinar ?

Si é falsa a Evolução e si ha uma Providencia,
si aquillo que nos prende aos fios da existencia
é uma força, ou um Deus...

Si os concavos azues das plagas luminosas
são camadas sem fim de eternas nebulosas,
ou simplesmente céos... »

Porém no craneo vão nenhuma voz responde.

« Donde vieste assim, argila rude, donde
houveste a vida, o ser ?

Ensina-me do mundo o alto mysterio mudo,
tudo que a criação contém, me ensina tudo,
que eu gosto de aprender. »

Solta uma gargalhada e morbido entorpece
nos tegumentos vis da Carne que adormece
no cahos fitando o olhar...
Precipita-te nelle, Espirito ; não rias,
nem chores, entretanto, ás tristes ironias,
ás luctas do pensar.

Perca-te o desespero e no aniquilamento
desfaz-te, mas não vás soltar um vão lamento
diante d'uma cruz...
como a aguia, que no azul buscando o sol fecundo,
rotas as azas, cáe num baratro profundo,
— ou morre, ou bebe a Luz !

Busco
do
ao
vã

A univ
nas
e o
que

ICARO

Busco embalde, librado em minhas azas,
do espaço o fim num desvario louco:
ao calor de não sei que olhar em brasas,
vão ellas derretendo pouco a pouco.

A universal orchestra das esphas
nas orgias da luz retumba em festas,
e o ether inebria as primaveras,
que vêm adormecer pelas florestas.

E' possível que *em cima* haja a secreta
chave do enigma mystico e profundo,
que nos cêrca, e que possa algum planeta
informar-me o que somos neste mundo.

Mas não posso subir ! O craneo ardente
sempre no globo agrilhoadado e preso !
— Orgulhosa razão, és impotente,
minhas azas de cêra, eu vos desprezo !

OR
de
al
le

Cada
en
to
bu

DESENLACE

(A JOÃO DE ARAUJO)

ORA, o triste idiota andava esfarrapado,
descalço e sem chapéo pelas ruas e praças:
além de todo o mal, effeito das desgraças,
levava a estupidez no olhar esgazeado.

Cadaverico e roto, a sacola pendente,
entre as vaias brutaes dos trefegos garotos,
todo o dia esmolava, e á noute nos esgotos
buscava em vão do somno o balsamo clemente.

Um dia o Suicídio e a Fome o visitaram,
e pela mão tomando-o, a um ermo o transportaram,
dizendo-lhe: « Isto é teu, nestas paragens mudas
Jejua como Christo, ou morre como Judas. »

Um tropel, entretanto, ao longe pela estrada
vinha se approximando, era uma cavalhada.
Turvou-lhe o aspecto e o olhar extranha agitação.

.
O mendigo infeliz fizera-se ladrão!

POR

C

e

F

A cul

M

o

M

PROBLEMA

*(H. Heine)**(A PEDRO LESSA)*

PORQUE é que o justo roja ensanguentado,
da cruz ao peso barbaro e cruel,
emquanto o mau, feliz e potentado,
pavoneia-se altivo em seu corcel?

A culpa da desordem a quem cabe?
Não é Nosso Senhor omnipotente,
ou elle é disso o causador, quem sabe?
Mas seria covarde realmente!

Tal é o problema que nossa alma louca
discute até que, enfim, chega alguém, que
co'um punhado de pó nos fecha a bocca.
— Mas isto é uma resposta que se dê?!

O PARADOXO

QUEM pode jamais dizer-me
com certeza donde vim,
si sou simplesmente um verme,
ou si Deus está em mim?

Mysterio! a vida eu a sinto
como um fluido incandescente
nas veias; porém não minto
dizendo que a acho excelente...

Mata-me o tédio do mundo
e nisto encontro prazer.
Como Hamlet meditabundo,
agito o « ser e não ser. »

Sou uma antithese viva,
talvez um sonho do cháos,
extracto que Jaweh ou Siva
fez dos genios bons e máus.

Contrastes me não sorprendem:
fascina-me o Bem; o Mal
tem attracções que me prendem
dentro de um fosso fatal.

A metaphysica nunca
fez cousas tão encontradas:
sou rico, e habito a espelunca,
choro, dando gargalhadas.

Ás vezes, até duvido
se sou, e me palpo então,
e no vivo peito ardido
sinto da Morte a canção.

E' que ardem no paraiso
infernos, engana o amor,
o labio mente e o sorriso
é uma parodia da dôr.



O HOMEM E O MAR

(BAUDELAIRE)

HOMEM livre, has de ser sempre amigo do mar,
o mar é teu espelho, ahí vês tua alma ao largo,
dos grandes lamarões no infinito rolar:
— nem teu espirito é menos profundo e amargo.

Apraz-te mergulhar em tua propria imagem,
nella immerges o olhar, nadando, e o coração
não raro se distrae da propria agitação
ao rumor dessa queixa indomita e selvagem.

Quão discretos sois vós, quão tenebrosos sois !
Homem, ninguém sondou teus fundos sorvedouros,
mar, ninguém viu jámais teus intimos thesouros ;
tanto sabeis guardar vossos segredos, pois.

E do Tempo, no entanto, as rapidas torrentes
vão passando, e sem dó, nem pena vos bateis ;
tanto presais a morte e os exicios crueis,
implacaveis irmãos, eternos combatentes !

VERTIGEM DA ARTE

(A RANDOLPHO FABRINO)

No frontispicio de uma antiga egreja,
talhado em duro marmore polido,
abre as azas um anjo que branqueja
entre as flôres de pedra adormecido.

O olhar num sonho mystico abysmado,
immoel fita a altura friamente:
— genio extranho que aos céos arrebatado,
em pedra se tornasse de repente!

Era manhã. No rosto alvo e divino,
que o pó do Tempo envolve no seu manto,
vi scintillar o orvalho matutino,
deslizando na pedra como um pranto...

E julguei um instante que chorasse
aquelle ente sem vida á luz da aurora,
e que se contrahisse aquella face,
sem me lembrar que o marmore não chora!

Extático ante os gothicos primores
que um talento infeliz, genio sem palma,
cinzelasse, talvez, sonhando amores,
e escondendo na pedra o sangue da alma;

Tive a vertigem (louco desvario!)
de perder-me no espaço indefinido,
só para ver de lá o olhar sombrio
do triste anjo de pedra adormecido...

FAUST

(A VALENTIM MAGALHÃES)

O livido Alchimista, á morna claridade da sonhadora luz de uma lampada exotica, scismava como Christo, em torva anciedade, na camara senil de architectura gothica.

Entre os livros de Hermés, aberto um alfarrabio, ante o turbado olhar, voejando as maripousas, na attitude febril de um saltimbanco, o sabio prescrutava o segredo hermetico das Cousas...

De um lado o macrocosmo, onde dos mundos a alma se agita, e do outro sobre uns signaes cabalisticos, uma caveira ri-se ao luar que lhe espalma na fronte erguida a luz dos devaneios mysticos.

Sonha o sabio allemão com minotauros, grifos,
e evoca do Chaldeu a mithica magia ;
emquanto, em cima, paira entre mil hieroglifos
o vulto de Satan na abobada sombria.

Na espelhenta parede humedecida, donde
pendem drogas lethaes e resequidos ramos,
divisam-se iniciaes de algum antigo conde
e o rugoso perfil do austero Nostradamus.

Lá fóra, o ethereo azul se illumina, arqueado
como um sonho a pairar por sobre as cathedraes,
que no somno do Tempo escondem o sagrado
deposito senil dos tumulos reaes.

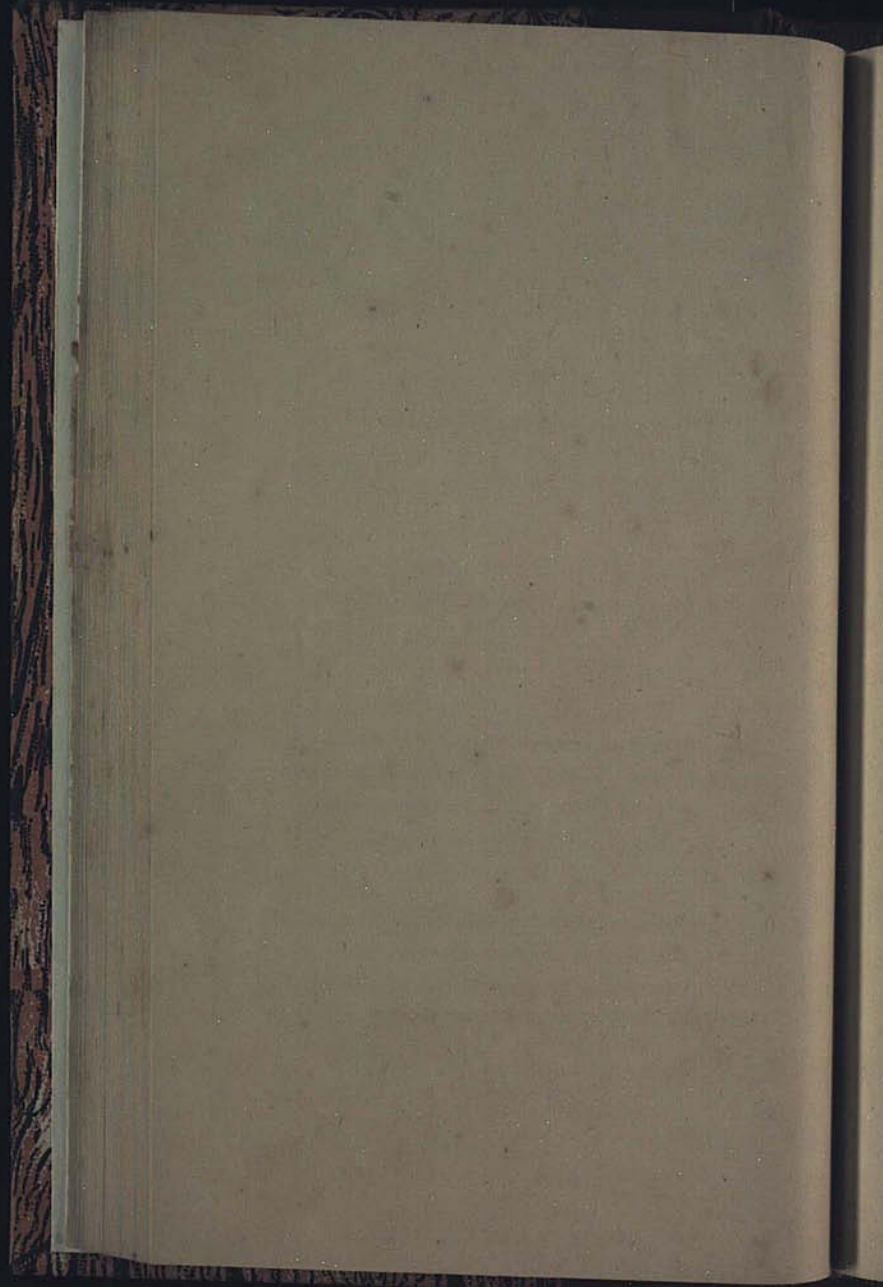
Nos alamos perpassa a viração tranquilla,
como a sombra fugaz de uma Walkiria pallida,
e sobre o azul vapor dos pincaros scintilla
a lua, a rebentar, esplendida crysalida.

Um bando de aldeões crestados pelo dia
em banhos de luar esquecem as fadigas,
expandindo em canções a rustica alegria,
e esperando a sasão fecunda das espigas.

Mas não lhe importa, ao velho, ao sabio misanthropo
que o mundo se divirta e que o trabalho cante,
a elle, que só vive a ver pelo horoscopo
o Nada universal, abrindo a guela hiante...

O' Fausto, sonhador Quixote da sciencia,
quando buscavas ler no livro do Futuro,
nos antros da Materia, o verbo da Existencia,
mais absurdo que tu, mais sybellino e escuro ;

Talvez no seu jardim, mais bella das mulheres,
entre os risos azues da Natureza nua,
regasse a Margarida os brancos malmequeres,
que depois desfolhou por ti, á luz da lua.



A CONVENÇÃO

(A JULIO DE CASTILHOS)

QUANDO a rubra Revolta abria a garra adunca
para empolgar do throno o velho vulto ingente,
e os guerreiros febris, como leões da espelunca,
rompiam-lhe do seio, uivando ferozmente ;

quando a Razão voando, esguedelhada e tetrica,
agitava do povo as coleras bravias,
e incisiva e veloz como a faisca electrica,
fulminava os pendões das rotas monarchias ;

quando Danton armava o banquete da Morte
nas praças de Pariz, perante toda a terra,
dando prodigamente á sequiosa coorte
as libações de sangue e as saturnaes da guerra ;

tu rompestes o grilhão de bronze que prendia
o immortal Prometheu, o coração humano,
e a noute secular da negra tyrannia,
dissipaste bebendo o sangue do tyranno.

A teu grito sangrento escancarava a guéla
a voraz guilhotina, em quanto com fragor
semelhante ao bramir do mar que se encapella,
vomitavas no mundo as vagas do Terror.

Caverna de leões ! em teu bojo profundo
que da Historia na rocha o seculo rasgou,
retumba inda o trovão ignivomo e fecundo
do rabido Marat, maior que Mirabeau.

Não maldiga-te nunca o novo pensamento,
o ardor com que luctaste, ó grande Convenção ;
que em ti manifestou-se o humano soffrimento
contra o jugo brutal da cynica oppressão.

Do sangue que voraz, pantherica, raivosa
bebeste no delirio intenso da Verdade,
fez-se uma nebulosa, e dessa nebulosa
foi que surgiu brilhante o sol da Liberdade.



A ANDORINHA

AH! que conte não me peças,
choravas si eu te contasse...
Não quero as marcas impressas
da tristeza em tua face.

.....

Vês tu aquella andorinha,
que vôa de um a outro lado?
Ha muito tempo se aninha
no beiral de meu telhado.

Na solidão em que vivo
tem-me sido companheira :
si estou alegre e expansivo,
ella ri-se prazenteira ;

gyra, voltea incessante,
chilreando doudamente,
e vem pousar sobre a estante,
encarando-me de frente.

Mas se o prazer me deixando
choro, triste e desolada,
começa então pipillando,
como quem chora... coitada.

Á minha existencia insana
é um ente familiar,
para ser uma alma humana,
falta-lhe apenas fallar !

Ora, deu-se que o outro dia
o telhado concertaram,
e o ninho (que covardia !)
em minha ausencia arrancaram.

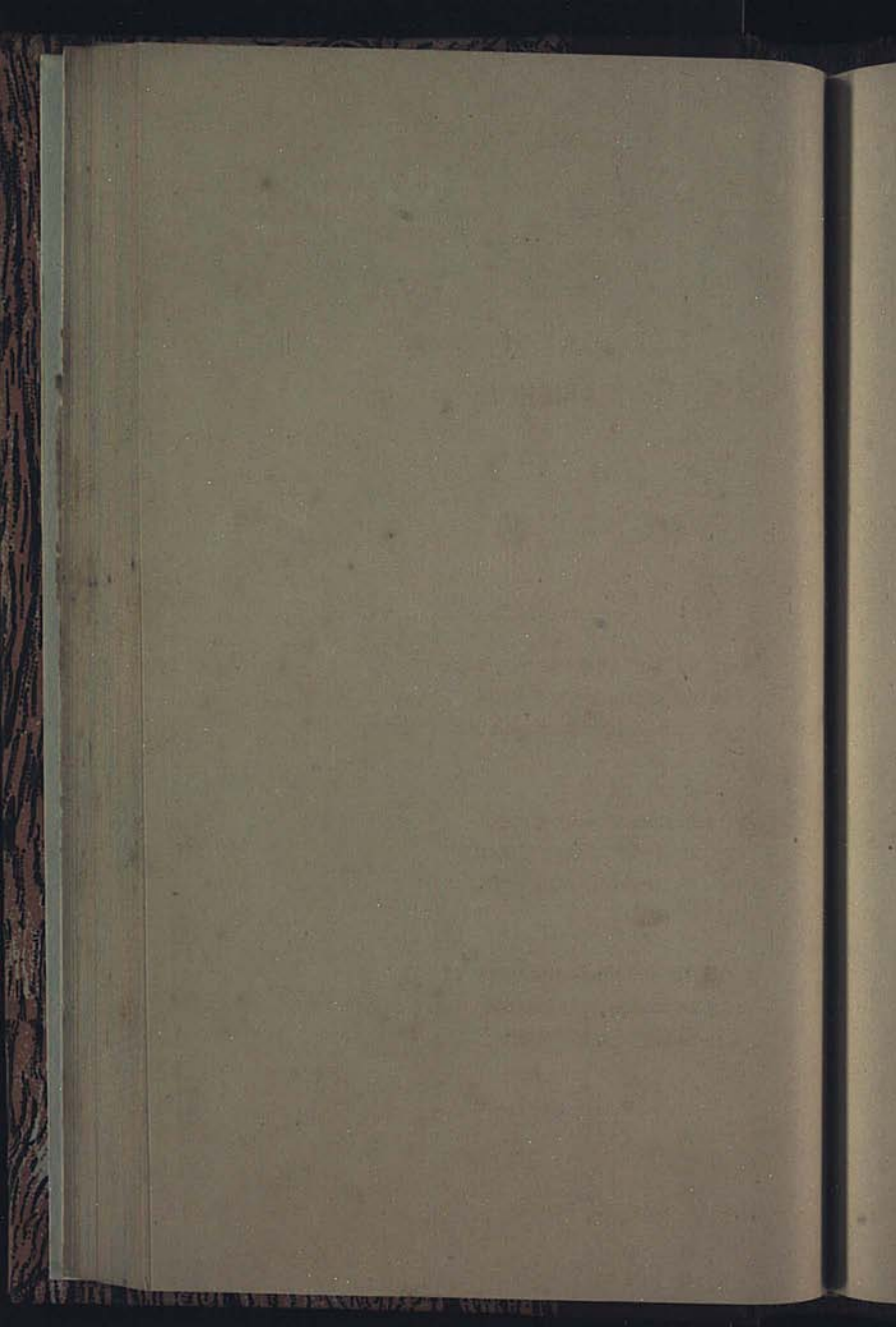
Soube o que havia occorrido
logo que em casa me achei.
O passarinho sentido
pensou que eu fui que mandei.

Mas quando mudo e sombrio
sentar-me á mesa de estudo
suspirando a ave me vio,
comprehendeu então tudo.

E olhou-me com tal tristeza,
que eu tambem puz-me a chorar...
tinha filhos com certeza:
— só de mãe aquelle olhar!

.

Mas deixemos a andorinha,
enchuga o pranto da face:
— não disse que tú, louquinha,
choravas, si eu te contasse?



TURBILHÕES

I

Não sei que ventos, que vagas
nos impellem com furor
para tão longinquo plagas...

Não sei que occulto traidor
de fibras de sangue quentes
tece os pendões do Terror ;

que de delirios candentes
vão as almas sem pharol,
arrastadas nas torrentes.

Em vão interrogo o sol,
a noute, as aves, os ramos
as neblinas do arrebol ;

em vão pergunto : — onde estamos ?
ao mudo rochedo hostile,
e á lua : — para onde vamos ?

Nada responde. No hastil,
dobra-se a flôr descorada
e tomba no lodo vil.

Empallidece a alvorada,
na nuvem se esvae a luz,
e fica a noute cerrada...

II

Em tudo se reproduz
do Christo a agonia escura :
— no bosque é o cedro uma cruz !

E dentre a verde espessura
brota a bella flôr de lis,
como um calix de amargura.

Nas espessuras subtis
do craneo o mesmo tormento
dardeja golpes febris.

Nosso espirito é sedento,
quer saciar-se no Bem ?
foge o Bem n'aza do vento.

Si o coração diz: — ninguem
ha na vida que me reja,
murmura o tumulo: — Amen! —

E o cerebro, que lateja,
resoa a palavra Deus,
como um clarim na peleja.

Ao largo! é lei sob os ceos
luctar, morrer, e em seguida
resurgir nos escarceos...

Gyrar na roda da Vida
como as estrellas no azul,
e da *Patria promettida*

Ser eternamente exul !
maré maldicta rolando,
rolando de norte a sul !

E tudo vae revoando,
almas e constellações
no redemoinho nefando
dos eternos turbilhões !

O ULTIMO DIA

UM dia decomposta, exanime, inanida,
como um astro a rolar da turbida amplidão,
a Materia senil, a grande mãe da Vida
ha de volver do cháos á velha escuridão.

Cataclysmo inaudito! o forte alento de aço,
que outr'ora do universo o peito rude enchera,
em atomos desfeito ha de rugir no espaço
em delirio feroz de rabida panthera.

De um gelado terror a livida mortalha
então envolverá a immensidade etherea...
e um subito estampido, igual ao da metralha,
romperá do profundo abysmo da Materia!

Orbes, constellações, moléculas do Immenso,
que do espaço habitais o paramo fecundo,
até vós subirá um negro vapor denso,
formado do bramido estupendo do mundo.

Quebrado já por fim o equilibrio e apagadas
as luzes sideraes, um torpôr tenebroso
largas azas de chumbo, atrozes e pezadas,
abrirá sobre o cháos horrendo e silencioso...

Mas apenas soar a hora do Increado
no relógio infinito a voz das creações,
surgirá soluçando um portentoso brado
do cháos, a se estorcer em novas convulsões !

E' que então, Natureza, um novo monstro geras
no ventre maternal, um mais heroico feto
do que esses que geraste em perpassadas éras.

.

E teu parto será mais bello e mais completo.

DE TARDE

EU vi voando caminho do occidente
o bando ideal de minhas illusões ;
do sol um raio tremulo, dormente
dourava-as com seus ultimos clarões.

Para longe corriam doudamente
a crença, o amor, meigas aspirações...
creio até que entre as aves, tristemente
iam partindo nossos corações.

Alem, alem... e os passaros risonhos
foram-se todos. Venus lacrymosa
brilhou : — no mais, deserta a immensidade.

Não ! no occaso do sol e de meus sonhos
ficou inda a pairar, triste e formosa,
a ave formosa e triste da saudade.

CULTO IDEAL

A embriaguez da luz, dos sons, do aroma
fez rebentar-me na alma tua imagem :
sonhei-te entre a virente e basta coma
de um bosque, á luz da aurora, aos sons da aragem.

Meu ser ora subia ao sol distante
pelo deserto azul, como um condor,
ora adejando, como uma ave errante
colhia um pensamento em cada flôr.

No velludo sombrio das montanhas,
longinquo como a idéa do passado,
harmonias angelicas, extranhas
attrahiram-me o ouvido fascinado.

Nesse instante brotou em minha mente,
como um ideal á flôr da phantasia,
a tua imagem candida, ridente,
coroadada das rosas da alegria.

Então no peito, ó virgem de meus sonhos,
a ti que o Bello universal resumes,
ergui castellos rutilos, risonhos,
feitos de luz, de sons e de perfumes.

A NUVEM

NUVEM errante, peregrino vaso,
que fluctuas no espaço eternamente,
ora dourada pelo sol no occaso,
ora fendida pelo sol nascente ;

Essas formas phantasticas que assumes,
batida pela luz e pelos ventos,
nuvem feita de orvalho e de perfumes,
são imagens dos nossos pensamentos.

Amor ou illusão que vás levando
no seio, onde germinam primaveras,
detêm-te, nuvem, deixa-me sonhando,
nutrir-me na visão destas chimeras.

PEREGRINA

NA esteira de ar que, bella e triumphante,
vaes deixando ao passares junto a mim,
invade-me a alma o aroma estimulante
da baunilha, do aniz e do benjoim.

É monotono e doce o deslizar
de teus sonoros pés na areia fina
das estradas:— o raio de luar
não deslisa mais leve na neblina.

Vendo os doces contornos sinuosos,
que ás vestes alvas tuas fórmãs dão,
vêm-me a idéa os desenhos caprichosos,
que o sol traça de nuvens na amplidão.

Não sei de que paiz de fadas é
o philtro, com que encantas os caminhos;
apenas vaes ao longe, onde teu pé
pousaste, vêm pousar os passarinhos.

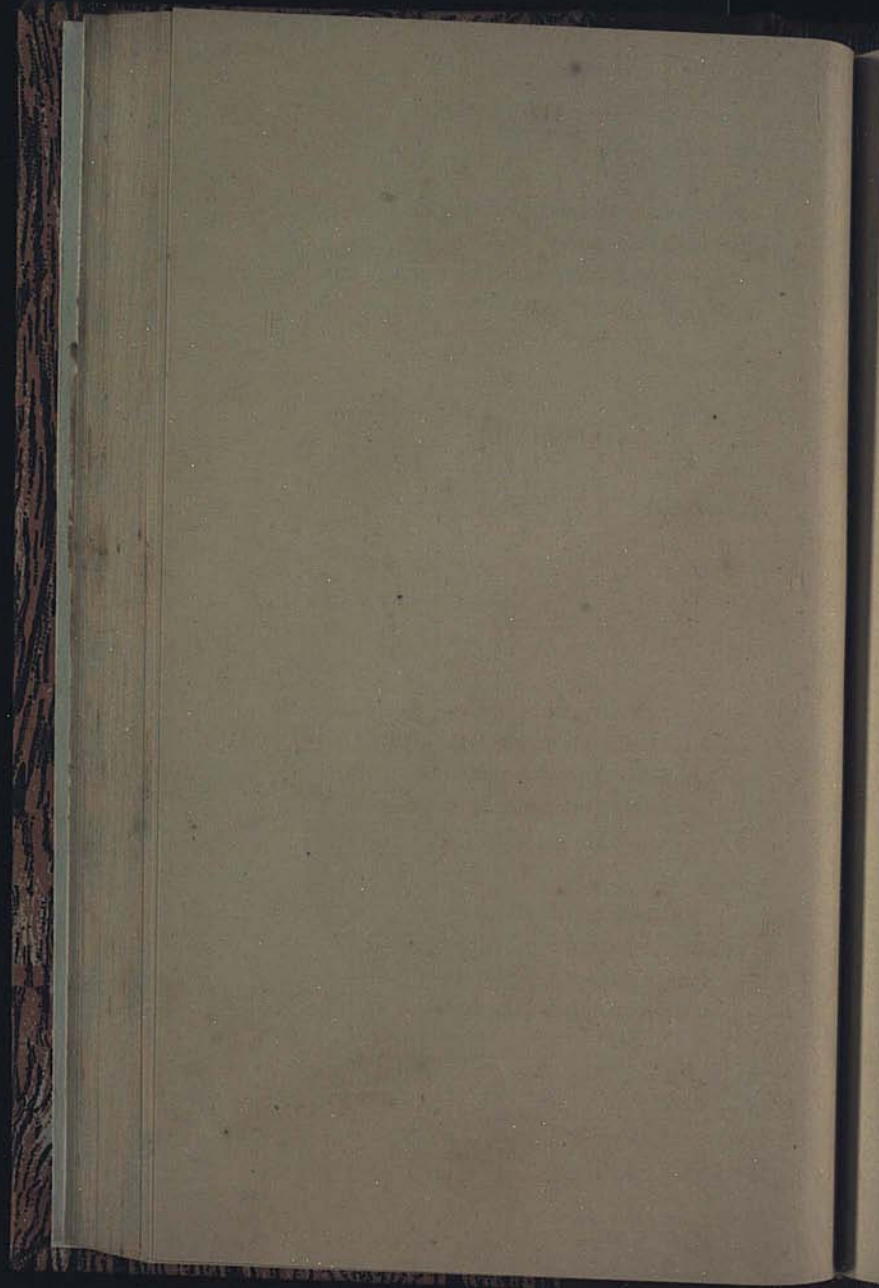
Juncam depois o percorrido sólo
de desejos mil flôres ideaes.
Bem quizera depol-as em teu collo,
crestal-as em teus seios virginaes.

Meu ser volatilisa em effusões
o amor, anceio que se não define:
vão lá contar as lavas dos volcões,
vão lá medir as arias de Rossini.

No entanto, passas rica de homenagens,
e a tudo encantadora te sorris;
nas arvores inclinam-se as ramagens,
inclinam-se as corollas nos hastis.

E não te cansas nesse andar sem fim ;
a quem evitas, meiga fugitiva ?
si te perseguem, porque vaes assim
fugindo tão alegre e tão festiva ?

Minha alma é tua sombra, ó peregrina
filha do sol, amiga do luar,
em te seguir minha alma tem a sina,
porque ella tem a sina de te amar.



DORMINDO

Na vaporosa cama,
entre os lyrios ideaes da virgindade,
da lamparina á frouxa claridade,
dorme, talvez, o somno de quem ama.

Do lençol a finissima cambraia
vela-a e debuxa-lhe o contorno brando:
— andam desejos pelo ar voando...
... a lamparina languida desmaia...

Um sorriso de leve
unge-lhe o labio angelico : — ella sonha,
e afagando a visão sempre risonha,
da pelle meiga em rosas tinge a neve.

Extingue-se de todo a lamparina.

Distende um braço e, appetecidas prendas,
saltam-lhe as pomas d'entre as fôfas rendas.

Lá fóra tocam sinos a matina ;

ella acorda sonhando... e mollemente
se espreguiçando á morbidez do somno,
patenteia em edenico abandono
da virgindade o fructo pubescente.

E o aventureiro louro,
o sol travesso, que da fresta a espia
para dar-lhe o « bom dia »,
vendo-a tão bella na nudez pagã,
manda-lhe um beijo numa setta d'ouro,
temperada no orvalho da manhã.

NOIVADO CELESTE

DE perolas de orvalho coroada,
passeia a madrugada
pelos campos e bosques sussurrantes;
aqui um lyrio, alli uma bonina,
perfuma e beija, carinhosa irmã.
Ao diadema de luzes tremulantes
prende-lhe ainda a gaze de neblina
a estrella da manhã...

Vai ás moitas e acorda os passarinhos,
nos quentes, fôfos ninhos
os dedos, raios de ouro, introduzindo;
e as aves, alchimistas do arrebol,
transformam o ouro em canto e vão cantando.
No azul do espaço infindo
Perpassa indefinido um sôpro brando.
Lá vem rompendo o sol.

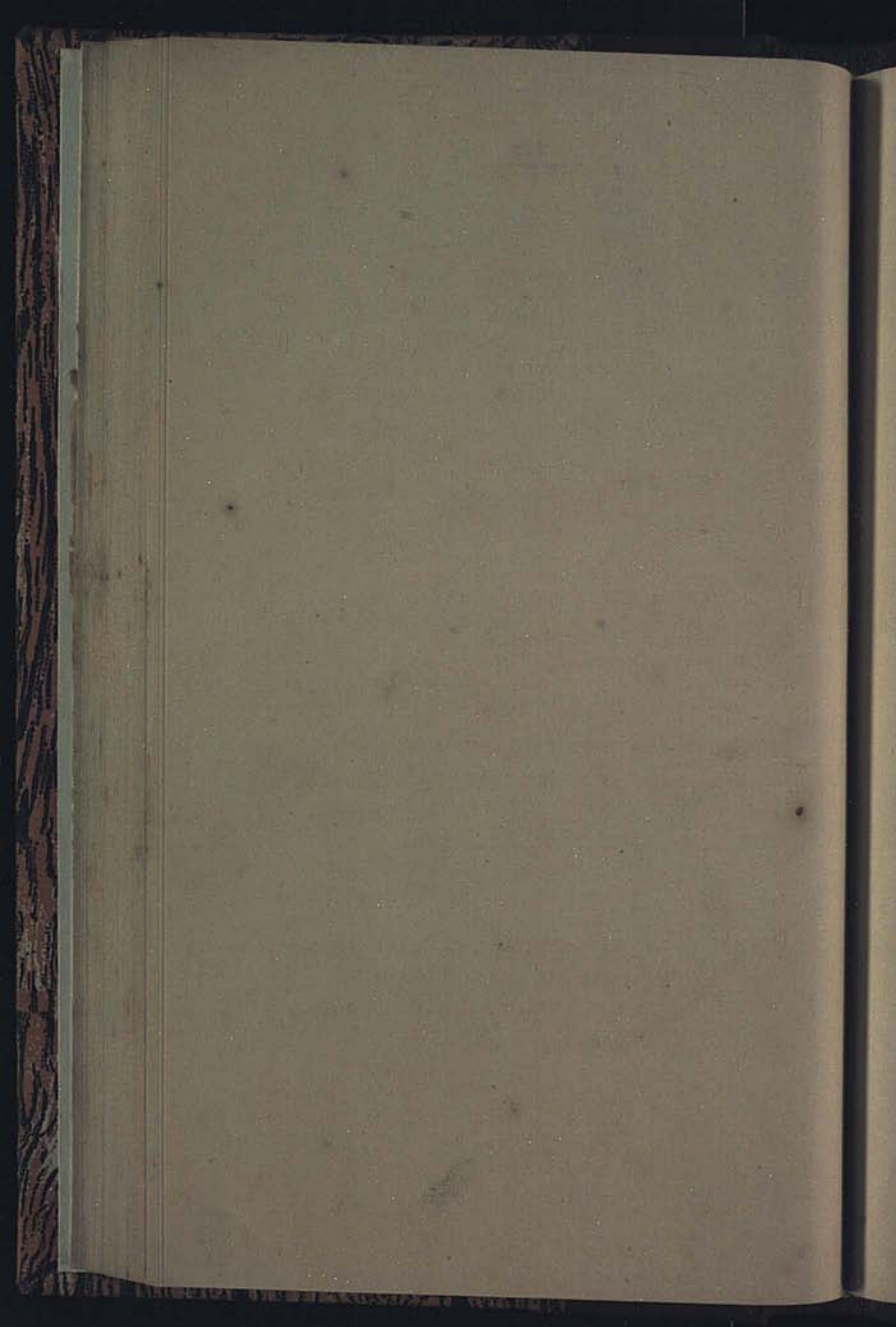
E a madrugada, sacudindo as vestes,
pelas vagas celestes
eil-a em caminho do occidente passa,
deixando aos ares limpidos, serenos,
lucida esteira em iris de crystal ;
e quando o sol á tarde chega e a abraça,
ella ao deitar-se prende á estrella Venus
seu roseo cortinado nupcial.

.....

SOMNAMBULA

A moça que mora em frente
é uma moça indifferente,
não sei que mysterio tem:
não chega nunca á janella,
ninguem olha para ella,
nem ella para ninguem.

Mas conta-se que a horas mortas,
fechadas todas as portas
da vizinhança, ella sai,
e ao cemiterio chorosa
vai desfolhar uma rosa
por sobre a campa do pai.



FASCINAÇÃO

O pingente se torna em perfume no galho,
o sol se decompõe nas côres, a harmonia
em vibrações: — tu tens a triplice magia
da luz, do som, do orvalho.

A luz! Quem não viu ainda as humidas auroras
desses olhos azues, serenos, peregrinos...
O som! Quem não te escuta os canticos divinos,
que quando falas — choras?

Que de orvalhos de pranto, as rosas perfumadas
de teus seios não tem, talvez, o amor vertido.
E's pallida... dir-se-hia um sonho enfebrecido
por noites agitadas!

Sinto-te dentro em mim, em ti sou venturoso ;
magnetica prisão nos nega a dualidade :
longe ou perto, eu escuto o canto glorioso
de tua virgindade.

Sou feliz junto a ti, por ti é que trabalho,
buscando um ideal nas nevoas do futuro ;
e quando estás distante, ainda te procuro
na luz, no som, no orvalho...

VIUVEZ

(CATULLE MENDÈS)

MINHA alma é como o solitario ninho,
que a volta da invernia pôz deserto ;
sob os tectos, que a neve tem coberto,
nem mais vãos, nem canto, nem carinho.

Eu sou como uma antiga cidadella,
abandonada após longas derrotas ;
negras muralhas, pelas balas, rôtas,
e que o tempo a seu turno desmantéla.

Mas o ninho viuvo, leva-o a brisa ;
cae, por fim, a muralha, e a praça forte-
fica um rochedo, que o viandante pisa.

Só eu espero um termo á vida, ao ser:
ha muito tempo n'alma tenho a morte.,
e meu corpo obstina-se em viver !

A MORTE DE SAPHO

Do pincaro sagrado da alterosa
Leucade, solta a cabelleira ao vento,
as crespas ondas do humido elemento
Sapho contempla triste e lacrimosa.

Orna-lhe a fronte viride corôa ;
gotas de pranto as meigas faces lhe ornem,
como bagas de orvalho, que se entornam
na flôr, que o aroma á luz desabotôa.

Que mágua afflige a musa das Hellenas,
 porque prantos de mágua assim derrame-os?
 Não mais os festivaes epithalamios...
 Fechai-vos, portas da sonora Athenas.

Emmudeceram com acerbos dores
 as cordas dessa lyra,
 em que outr'ora suaves desferira
 tantas odes de amor, ternos amores.

Cessam do vento as querulas endeixas,
 as ondas mansas se unem, se misturam,
 e umas ás outras, a passar, murmuram
 flebilissimas queixas.

Queixas, que apenas nascem, logo expiram,
 ephemerias, no espaço em brando chôro,
 notas eoleas, que na lyra de ouro
 « Phaon »... leves suspiram.

« Phaon »... E Sapho numa angustia horrivel,
 Pitia de Delphos, desgrenhada e louca,
 o olhar incerto, enlivecida a bocca,
 « Phaon »... exclama, erguendo-se terrivel !

« Bello nume, por quem de balde chamo,
filho de Venus, a outro amor entregue,
fatal destino a sorte me persegue :
— busco-te, e foges, foges-me, e eu mais te amo.

Beijos ardentes, que os desejos fingem,
queimam meus lábios e meu rosto abrasam,
e em minhas veias vasam
chammas, que todo o coração me cingem.

Tremulo o seio em ancia convulsiva,
turbos os olhos, sinto a lingua presa,
e num desmaio languido, captiva,
arde minha alma em teu amor accesa.

Quando em sonhos te bebo o amante bafo,
e aperto-te a meu peito que lateja,
até no Olympo os deuses têm inveja
da venturosa Sapho.

Sonhos? Mentira é tudo quando acordo,
menos o teu desprezo e o meu martyrio,
e me entregando ao fervido delirio,
em amorosa raiva o labio mordo!

Sepulta, Ionio mar, este tormento,
Alceu, teus hymnos immortaes se calem,
Lyra de Lesbos, com minha alma estalem
todas as tuas cordas num momento !!! »

Disse : e do alto rochedo se arrojando,
cahiu no mar. E as aves que passavam,
suaves murmuravam
os queixumes da amante em choro brando.

As nayades formosas
vão levando em triumpho a lyra de ouro ;
emquanto no azulado sorvedouro
embalam Sapho ondinas lacrimosas,
crescentes arcos desenhando na agua,
em caprichoso gyro ;
e o manso vento, portador de mágua,
leva a Phaon seu ultimo suspiro...

A HERANÇA DE PROMETHEU

NA veia de aço que as nações irmana,
sangue de luz, corre a veloz fagulha,
como um fragmento da razão humana ;
e a palavra que a idéa desabrocha,
córta os ares, no pelago mergulha,
rompe as geleiras, vence a dura rocha,
e galgando os abysmos mais profundos,
liga os pólos e abraça os cinco mundos!

Nem mais rapido, ó sol, ferira o lume
de teu nascente raio
o inacessivel cume
do montanhoso pincaró himalayo ;
nem mais brilha, dos tropicos
entre os valles cyclopicos,
na mica scintillante ou no ouro raro,
teu intenso fulgor em dia claro.

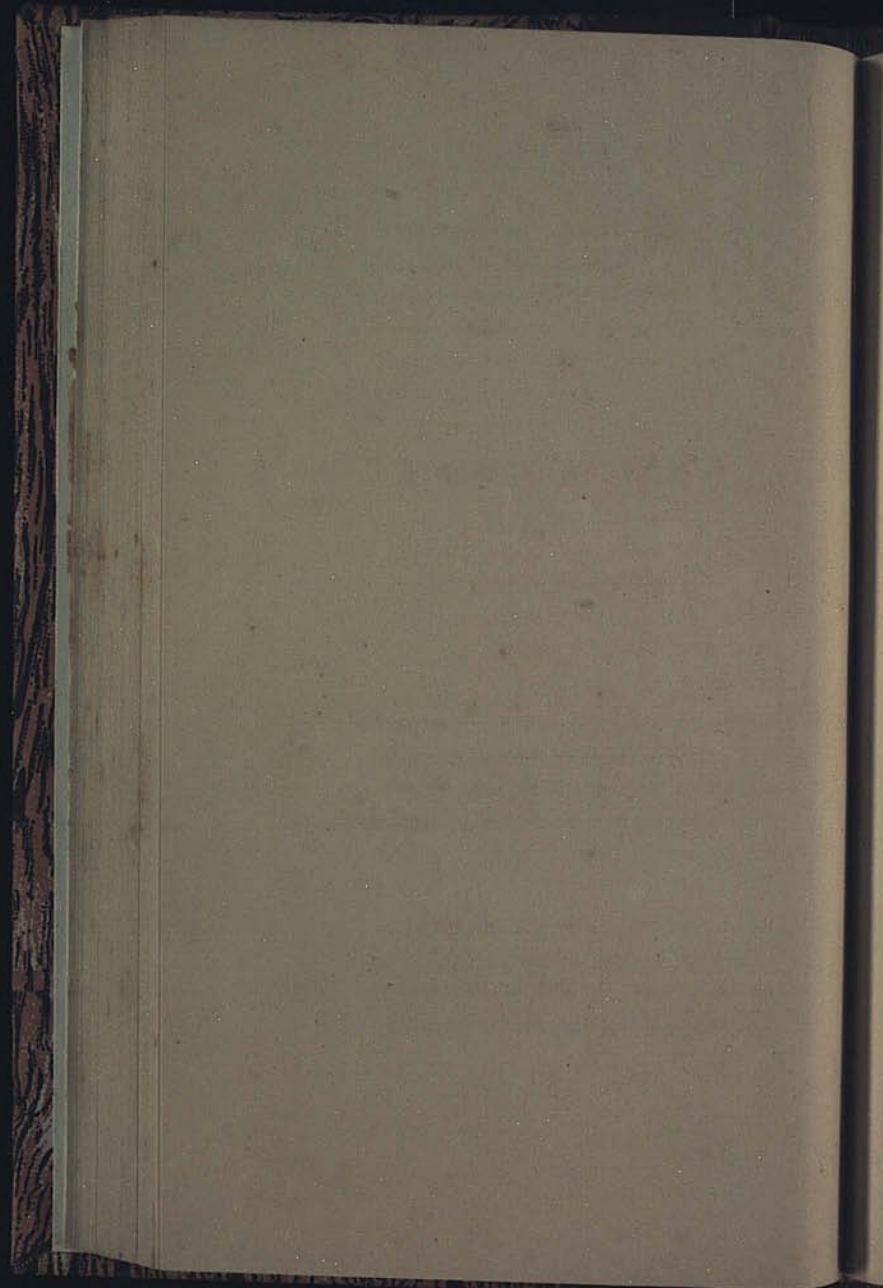
Sumiu-se o sol no occaso?
 Vaga o lucto sombrio
 na vastidão da noute? — O debil fio,
 como serpente enrosca-se e conduz
 secreta força a mysterioso vaso...
 e em electrico jorro esguicha a luz!
 Ao clarão desta aurora,
 (pasmai povos antigos, deuses novos,
 pasmai, futuros povos!)
 na membrana metallica, sonora,
 vivo papyro, pagina animada
 Edison guarda a Tradição falada...

Houve outr'ora no Caucaso um proscripto,
 diz a legenda grega,
 que um dia subtrahira,
 no paramo infinito,
 a sagrada faisca á eterna pyra,
 porque ao homem guiasse a razão cega.

Pois bem! tempo ha de vir em que o Deus Homem,
 no anceo dos esforços que o consomem,
 busque tocar no sideral assento,

cavalgando um condor de azas de arame :
irá restituir a chamma ao céo
e obter indulto para o audaz gravame ;
porém não ha de achar mais firmamento.

Serás, então, vingado, ó Prometheu !



O BONZO DO OCCIDENTE

EMQUANTO na ara sacra o azymo pão elevas
ante o extatico olhar da crente multidão,
e, alma feita de lodo, alma feita de trévas,
finges seguir piedoso os *Passos da Paixão*;

A gangrena roaz dos soffregos instinctos
imprime-te no corpo asinino e suado,
os beijos sensuaes, tantalicos, famintos,
da impureza carnal, do lubrico *peccado*.

Sacrilego, onde tens reconditaa consciencia,
onde abrigas, Tartufo, a mysteriosa fé;
porque erijas em crime as normas da Existencia,
e calques a virtude honesta com teu pé?

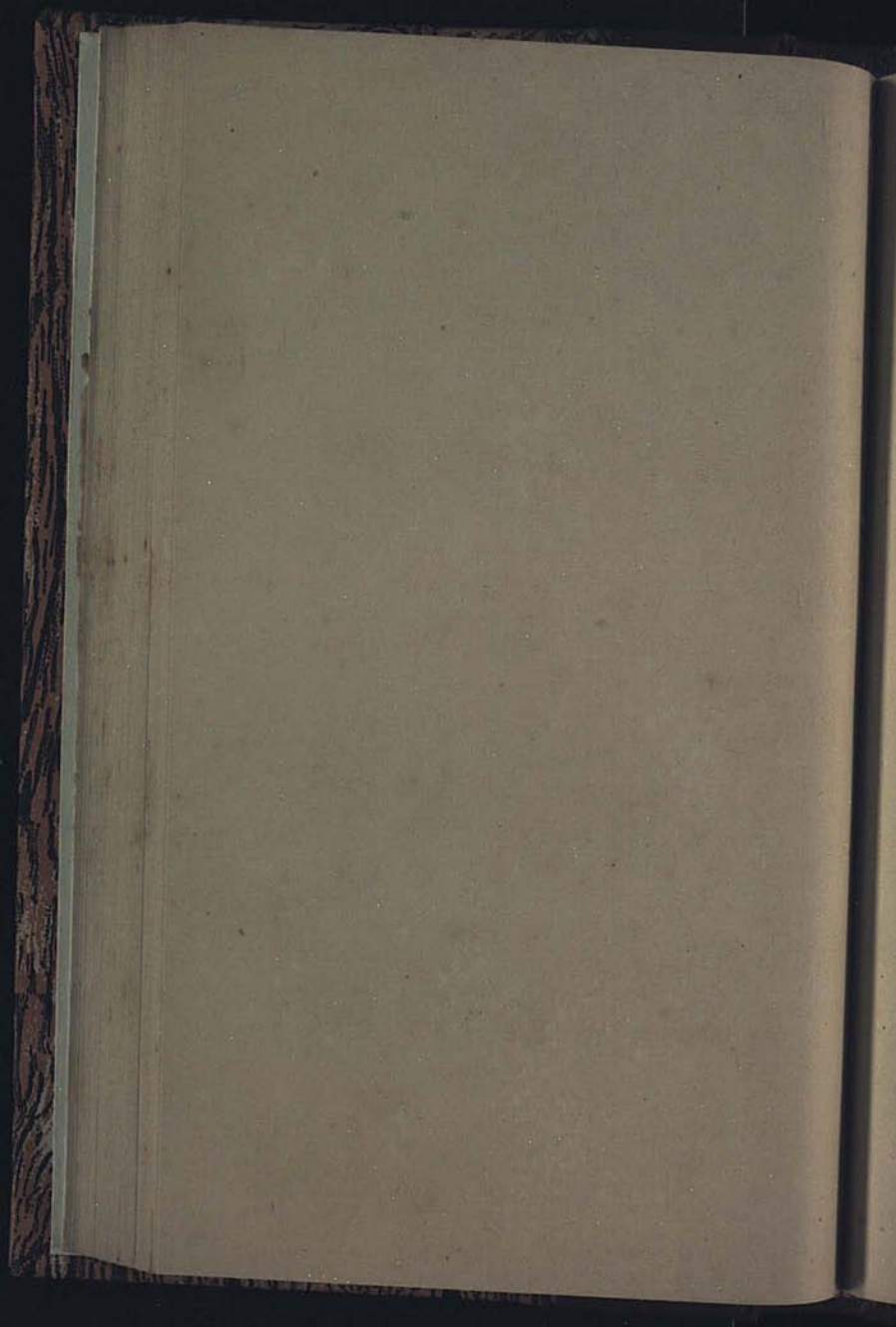
Prostitues a mulher, e a chamas Magdalena,
perdôas o adulterio e condemnas o berço,
maculando do Amor a grande alma serena,
que fôrma o pantheismo immenso do universo.

Olha, torpe embaidor das vãs consciencias cegas,
môcho da escuridão no seculo da luz;
emquanto na tribuna a caridade prégas,
pregas o Salvador segunda vez na cruz!

Debaixo da apparencia humilima e bondosa,
(e não falta, aliás, quem inclyta proclame-a!)
occultas uma jaula escura e pavorosa,
em que ruge, sangrenta, a panthera da infamia!

Tivesses tu poder, e este formoso mundo,
que avista agora a luz de um sol promettedor,
não passaria, então, de um pantanal immundo,
do qual serias, sapo, o unico dictador.

E nesse esgar canino, hydrophobo e nefario,
cobririas, até, si o pudesses de rastros,
com a tua roupeta o espaço planetario,
só para os Galileus não descobrirem astros.



VISITA A UMA MINERAÇÃO

DURO penhasco, abre teu seio duro,
em que a luz primitiva adormecera ;
o aço da Industria, o sceptro do futuro,
abutre novo, as fibras te lacéra.

E eis já rasgada funda galeria,
tumulo aberto da avareza insana,
onde nunca chegaste, ó grande Dia,
mas onde chega a intensa força humana.

Partindo aos estilhaços o veeiro,
a dynamite á rocha dá combate,
e em compassados golpes o mineiro
a retumbante picareta bate.

Um estampido, — e lasca-se o granito,
outro tiro, — e o granito rola em seixos.
Das machinas de ferro, ao forte attrito,
rincham as rodas nos candentes eixos.

E a rica flora mineral desata
e rompe o véo ao rutilo thesouro :
— brota o esmeril, em fios corre a prata,
florece a gemma, abrem-se rosas de ouro.

Feerica visão, mas verdadeira.
Aqui phantastico alvanel gravára,
em fino esmalte, na epocha primeira,
plastica ideal da perfeição avara.

Columns, arcarias, arabescos
brilham, porque a Memoria nos esconda
os fabulosos paços principescos,
e os thesouros de Ophir e de Golconda.

Créso da Lydiá, foste um miseravel,
tambem, Lucullo, um miseravel foste,
Alhambra, architectura detestavel,
Columna de Vendôme, humilde poste.

O iris compõe-se em luz, a luz se coalha
e decompõe-se em iris, e de novo
scintilla, ora na luz que o raio espalha,
ora na suave côr da gemma de ovo.

Em cimbre augusto a abobada suspendem
palmeiras de crystal e bronze e cobre;
racimos de ouro de seus troncos pendem,
entre a enroscada silva que as encobre.

E com a picareta e o camartello,
o Homem que tem da criação o reino,
de destruir o esplendido castello,
novo Atila fatal, nada detem-no.

Demole, arrasa e quebra e faz escombros,
e eil-o de novo ascende em aurea insanía,
levando sobre os suarentos hombros
os espolios da flora subterranea.

E toda aquella maravilha immensa,
que de espanto e de luz nos embebeda,
se apouca, se constringe e se condensa
no disco miseravel da moeda!

SYNTHESE

QUE importa á natureza o velho thema
do ser e do não ser — o berço e a tumba,
si alguém folgue ao prazer, si á dôr succumba,
si ria ou chore, si suspire ou gema?

Seio de mãe e entranha de Saturno,
ella alimenta com intenso affecto,
tudo que produziu, e por seu turno
devora avidamente o proprio fêto.

O tragico problema em vão se agita,
á velha geração succede a nova,
e a cada novo ser, que á luz palpita,
tece-se um berço, rasga-se uma cova.

E o homem, de um só dia peregrino,
de manhã deixa o berço, mal' desperta,
e ao voltar pela noute — atroz destino!
acha o berço occupado, a cova alerta.

SERENATAS

(CATULLE MENDÈS)

A AMÉRICO LOBO

I

A madrugada ria-se em festim.

Tu me chamaste : « vem », e logo vim.

Mais tarde um pouco, « canta » me disseste,
e eu cantei tua graça, alma terrestre.

Mas veio a noute (ó noute em que me vi !)
tu me mandaste : « parte » e eu não parti.

II

Mesmo assim arrufada ! adoro ainda
o teu semblante, quando se enfurece,
pois nesse olhar, que um puro esmalte alinda,
suave a propria colera parece.

O Amor, que as delicadas leis ensina,
não raro, inda que sempre doce e liso,
no labio que nos prende e nos fascina,
faz succeder os momos ao sorriso.

E, prudente, concede aos namorados,
para curar as frouxidões morosas,
que affectam sempre os peitos bem amados,
as rixas, esses lategos de rosas.

III

Teu coração é de ouro fino ; tudo
é nitido e leal nessa alma pura ;
mas a esperança, que me foi escudo,
vai descambando em duvida e tortura.

Ah! minha irmã, eu tenho visto aos centos,
á hora languída em que a noute tomba,
dispersados meus sonhos pelos ventos,
como as pennas dispersas de uma pomba.

IV

A fria lua que rola
com languidez de creoula,
sonha dolorosamente
no infinito céu dormente,

em quanto das crystallinas
fontes, em vagas surdinas,
se exhala nos tristes ares
o pranto dos nenuphars.

V

Canta joven pastor no bosque a sós,
e o echo vaidoso diz: « sou eu a voz! »

Sob a vidraça que a cortina vela,
a lampada murmura : « eu sou estrella ! »

Nos lagos onde inclina-se a ramagem,
« quem existe sou eu » diz sua imagem.

Porém, mais falsa, ó sina que deploro !
era a voz que jurava-me : « eu te adoro ! »

ANGELICA

Tu, por seres alvissima desdenhas
a morena de longas tranças pretas:
dizes que tens razão, talvez não tenhas.
Porque desprezos para as violetas?

Que tem tua alva côr que sobreleve
a côr morena em face de um espelho?
A neve é branca, o sol vermelho, e a neve
branca é vencida pelo sol vermelho.

Julgo igualmente bellas na pintura
todas as côres, todas as *nuanças* :
em toda parte brilha a formosura,
nas tranças louras, ou nas negras tranças.

Perdôa-me a dureza do conceito,
voz da verdade, queiras ou não queiras :
olha, criança, que a qualquer respeito
são parecidas todas as caveiras !

NOS CAMPOS

RESPIREMOS um pouco ao ar sadio
dos campos ; vai, idéa, e livre vôa,
como o passaro leve e fugidio,
nos espaços azues errando atôa...

O' natureza, ó mãe fecunda e bôa,
de rosto ora risonho, ora sombrio,
abre teu seio, donde a luz surgiu,
e onde minha alma canticos entôa.

Subamos á collina... ó quadro immenso!
ao longe das montanhas, como incenso,
sobe o fumo aos altares do arrebol.

Oh! eu sinto no cerebro a verdade,
sorvendo o azul sem fim da immensidade,
e te bebendo o sangue de ouro, ó Sol!

BUCOLICA

NA orgia dos sons, das côres,
ficou minha alma pagã;
bebendo o aroma das flôres,
bebeu a luz da manhã.

Abriu-se-me a flôr da vida
sob um sol fecundo e ardente;
amo a palmeira florida
e o soluçar da torrente...

Tenho taças de verdura
junto aos troncos seculares,
em que bebo a lympha pura
do nectar que vem dos ares.

Entendo o canto das aves,
que agitam o azul dos céos,
como de um templo nas naves
as lithanias de Deus.

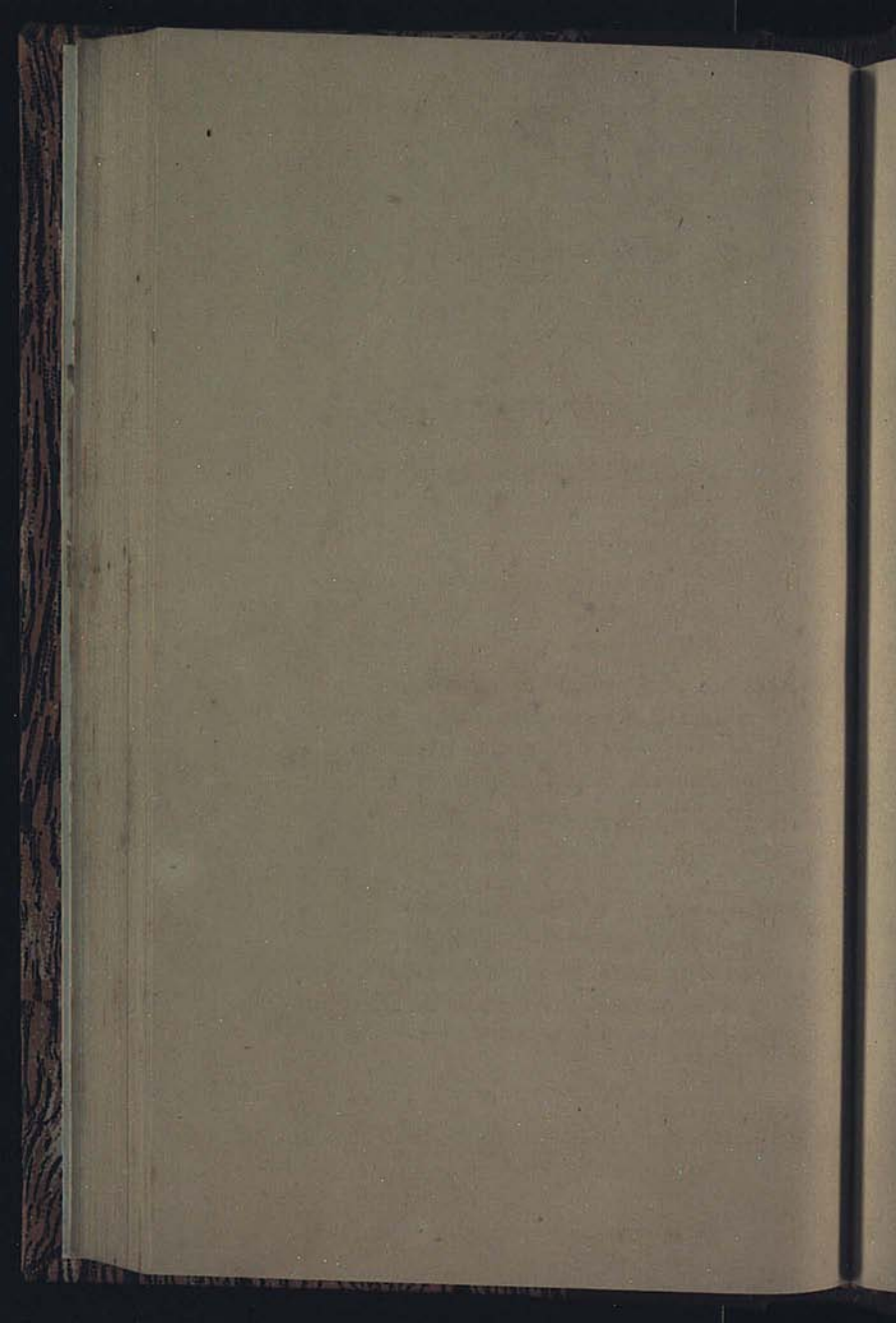
Nas clareiras escalvadas
das grandes, floridas mattas,
choram frescas alvoradas
de perolas as cascatas.

Entro altivo nas immensas
Babylonias vegetaes,
sob as lianas suspensas,
como arcadas triumphaes.

Nas voltas da trepadeira
leio estheticos segredos,
e aprecio a sobranceira
attitude dos rochedos...

A natureza é uma mestra,
uma mestra maternal,
que dá-nos lições de orchestra
e nos ensina o ideal.

Na orgia dos sons, das côres
ficou minha alma pagã;
bebendo o aroma das flôres,
bebeu a luz da manhã.



CONFIDENCIA

(A MEU IRMÃO BERNARDINO DE LIMA)

MEU somno é povoado de chimeras,
que insolitas visões dormindo sinto!
Acho-me a sós num grande labyrintho
de verdores, de luz, de primaveras;
mas tudo de um passado já extinto.

E scismo então... que dolorosa scisma
gostosamente verte-me a saudade
da bella quadra da primeira idade!
Servem-me as tristes lagrimas de prisma,
e tudo vejo claro e com verdade.

Vejo além... uma sombra que descança,
pequenina e gentil, quasi esvaida :
é minha infancia limpida, vestida
da verdejante tunica — Esperança,
feita do olhar de nossa mãe querida.

.

O' passado, em que as rosas de meus annos
o tempo desfolhou, ó sorvedouro
de minhas illusões e sonhos de ouro,
descerra-me de novo os teus arcanos,
e restitue-me o meu gentil thesouro.

Mas nisto acordo, o sol por uma fresta
dardeja-me no rosto um raio puro ;
e ao fugir do passado o vulto obscuro,
choro, mas não descreio, ergo-me em festa
e saúdo-te, aurora do Futuro !

VIDA !

OLHA esta gota de agua crystallina :
é tão leve, tão tenue e pequenina,
que a sêde vegetal mais estimula,
e nem ao menos molha
do lyrio o hastil, o calice ou a folha,
em que, liquida perola, tremúla ;
tão leve que num hausto a absorvo e trago-a.
Tu, que já penetraste os oceanos
e devassas reconditos arcanos,
não a desprezes, olha-a :
que vês na gota crystallina de agua ?

Nella se espelham fulgidos, celestes
prismas, que a luz exterior diffunde,
como em puro diamante lapidado.
Mas si o olhar limitado
de uma lente revestes,

porque a vista sagaz mais se profunde ;
verás, então, do turbilhão da Vida,
surdirem novos seres, e estes seres
aumentando-se em linha indefinida,
de modo a não poderes
contar sequer seu numero. Detem-te
e observa a formação varia, infinita
dos corpos, cujo fremito latente
um mesmo *protoplasma* anima e agita.

Mas, não ! O olhar perturba-se em vertigens
de febril paroxismo.
Nem procures saber-lhes as origens,
a esses entes anonymos, que viste.
Para o prescrutador olhar humano,
como no grande, existe
no infinito minusculo — um abysmo.

Homem, na gota de agua ha um oceano !

PALIMPSESTOS

I

Não ha poema, hymno ou carme
que de expressão mais palpite
do que essa phrase que ouvi-te,
quando te approve fallar-me :
« Seja discreto. » Pois sinto
não houvesse no recinto
algum regente de orchestra
para ouvir nossa palestra.

II

Eu sei de uns poucos de sabios,
que vivem pulsando *in folios*,
para entender em teus olhos
o que não dizem teus labios.
Lessem antes no meu peito,
e veriam com despeito
que a sciencia de minha amada
são quatro letras... mais nada.

III

Vive-me n'alma este affecto,
que é notorio, tu m'o dizes,
mas eu no vacuo completo
passo os dias infelizes.
Bem vês que assim me assemelho
ao vidro de um liso espelho:
— as imagens que lhe dão,
todos vêm-n'as, elle não.

IV

E assim minha alma vive hoje
correndo ás dôres entregue,
regato que de si foge
e que a si mesmo persegue...
E ha de ir no seu curso insano
perder-se, emfim, no oceano,
contente por ter soffrido,
soffrendo por ter vivido.

V

Teu riso a torna amorosa,
mas não me tira a desgraça:
nem faz a pet'la de rosa
transbordar a cheia taça.
Basta, si choras, no entanto,
uma gota de teu pranto,
e lá se vão minhas máguas
na correnteza das aguas...

VI

Estas lóas da desgraça,
recebe-as e queima-as logo,
e si o pranto que as repassa
extinguir, acaso, o fogo ;
rasga-as e lança os fragmentos
ao rio : — pobres lamentos !
irão, como ilhas errantes,
pedaços de almas amantes.

FELICIDADE

QUE mais desejo, tendo-vos commigo,
aureos cabellos, olhos de saphira?
De vosso influxo ao precioso abrigo
florece o Bem, o Mal é uma mentira.

A propria noute, a mãe dos pesadelos,
é para mim um matinal disfarce,
quando fitando-te entre sonhos bellos
vejo a vida em deslumbres desatar-se.

Ah! quando de ti junto e commovido
sinto pulsar teu coração, e o escuto,
como um suave pendulo movido
no relógio do Amor casto, impolluto;

Minha alma aspira o oxygenado clima
de um paiz ideal feito de auroras,
onde o porvir tranquillo se aproxima
ao sonoro tintinar das horas...

O ESPANTALHO

(SOULARY)

A RAUL POMPEIA

COM seu chapéo taful de palha italiana,
quando ella apparecia, em louco turbilhão,
vinham logo os pardaes ao concavo da mão
a bicar-lhe a cereja ; — amada soberana !

Nem côrte mais fiel, nem rainha mais lhana :
si aquella tinha fome, esta — bom coração.
O avaro jardineiro agastava-se em vão,
e cuidava em pôr cobro á gulodice insana.

Morre ella! uma manhã o jardineiro lança
sobre uma cerejeira o chapéo da criança,
servindo de espantalho á troça aventureira.

Artificio traidor! as aves familiares,
cuidando ver a irmã, accodem aos milhares:
— não tinha uma cereja, á tarde, a cerejeira.

O POBRE SONHADOR

O pobre sonhador assim gemia,
fitando a nuvem que nos céos passava :
« triste filha do espaço, triste escrava
do vento, imagem da melancolia ! »

Como tu, é a Ventura fugidia,
que esta alma ha pouco, languida, embalava,
hoje presa das garras que lhe crava
o rancoroso tédio, noute e dia ! »

A nuvem engrossava, e o sol brilhante
sumira-se atrás della: — o espaço inteiro
não tardou em cobrir-se de negror.

E a nuvem rebentou estrepitante,
e um raio desprendendo-se, certo,
veiu matar o pobre sonhador.

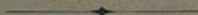
A RAYMUNDO CORRÊA

SORRIU-TE a Musa, infante inda no berço,
e dos « Primeiros sonhos » despertou-te;
e desde então, cantando dia e noute,
leva-te o genio musical do Verso.

As vastas « Symphonias » do universo,
na lyra de ouro sóbria, Orpheu legou-te,
e sem que ao gongorismo vão se affoute,
o estylo é rico, cinzelado e terso.

Ali, num *microcosmo* condensaste
aromas, sons e luz, e, por contraste,
os gritos do clarim e a flauta languê.

Nos « Versos e Versões », porém, conquistas
o ideal supremo dos geniaes Artistas,
molhando a penna no teu proprio sangue.



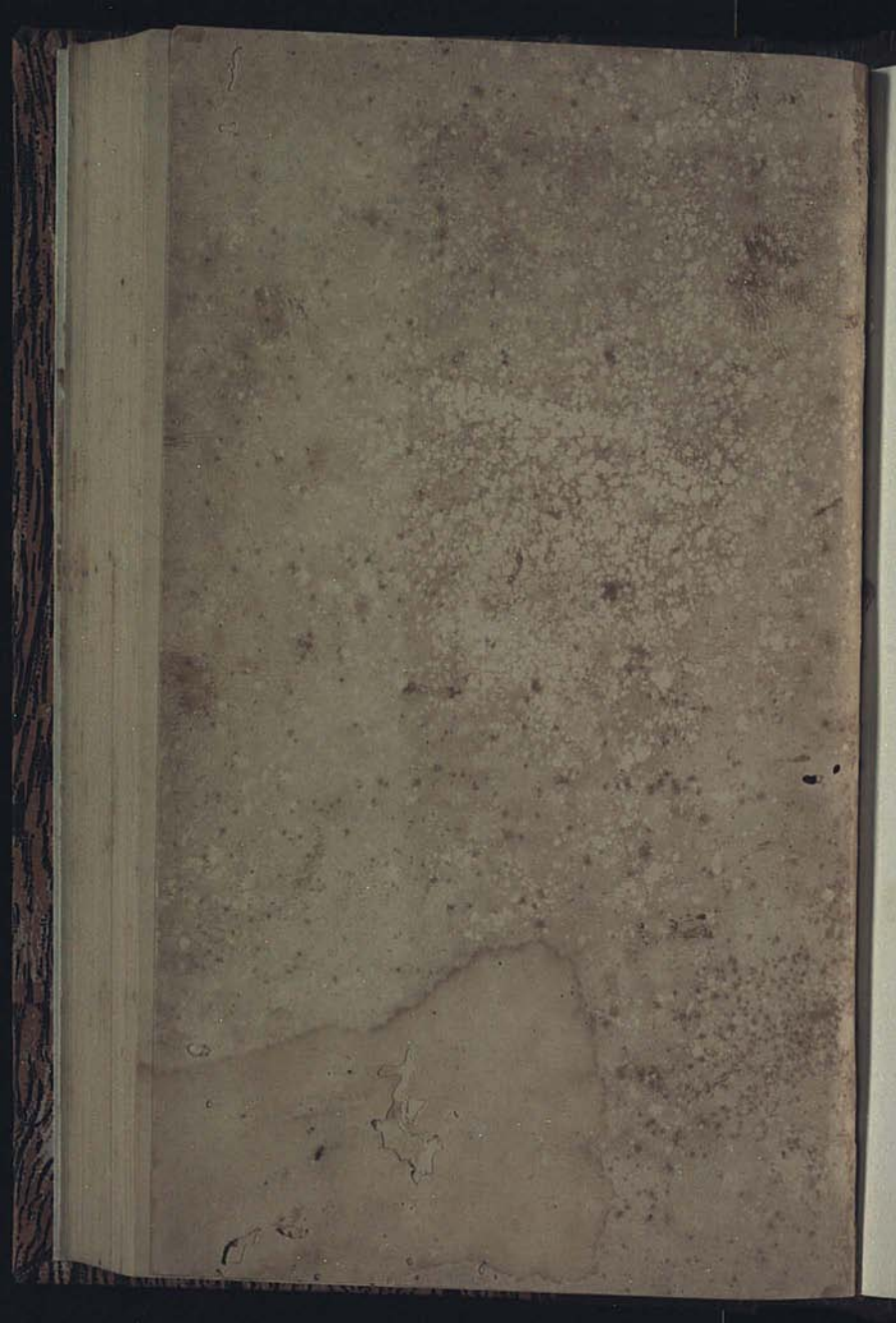
INDICE

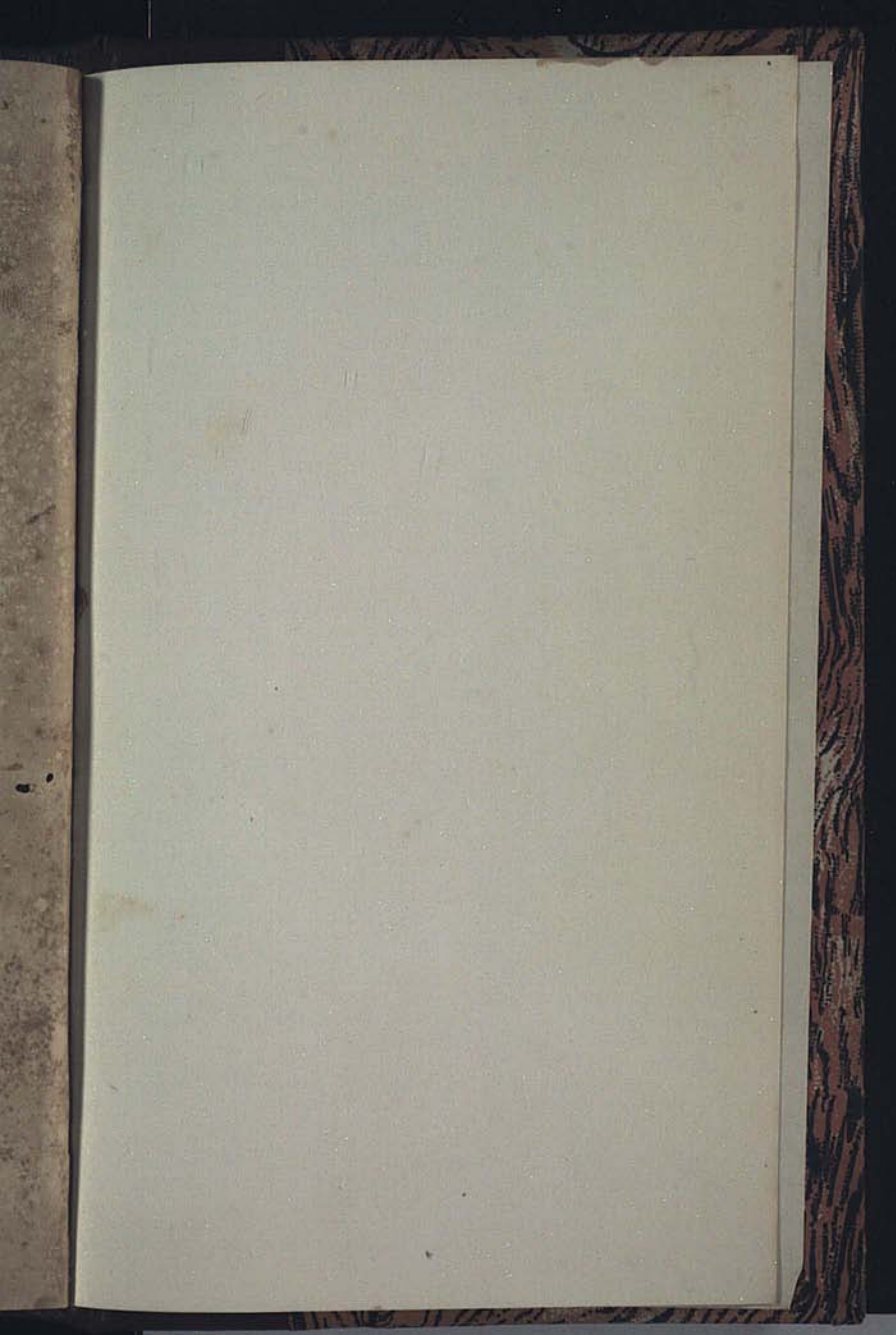
	Pag.
PREFACIO..	VII
Illusões que eu amei..	1
Atravez dos seculos..	3
A descida..	5
Entre as arvores	7
O sceptico..	11
Elevação..	13
Evangelho e Alcorão	15
Colera do mar..	17
Os ferreiros	19
O inquisidor	21
A visão..	23
Unda et ignis	25
Vogando	27
A ilha de coral	29
A agonia de Christo	31
As lagrimas do regato..	33
O polvo..	35
O amor	37
Sonho transformista..	45
O abysmo	47
Os dous Christos..	53
O volcão e o sol..	59
Flôr carnivora	63
Amigo..	65
A um caçador..	67
Febre espiritual..	71
Icaro	75
Desenlace	77
Problema	79

O paradoxo	81
O homem e o mar.. .. .	85
Vertigem da arte	87
Faust.. .. .	89
A convenção.. .. .	93
A andorinha.. .. .	97
Turbilhões.. .. .	101
O ultimo dia.. .. .	105
De tarde	107
Culto ideal.. .. .	109
A nuvem	111
Peregrina	113
Dormindo.. .. .	117
Noivado celeste	119
Sonambula	121
Fascinação	123
Viuvez.. .. .	125
A morte de Sapho.. .. .	127
A herança de Prometheu.. .. .	131
O bonzo do occidente	135
Visita a uma mineração.. .. .	139
Synthese	143
Serenatas.. .. .	145
Angelica	149
Nos campos.. .. .	152
Bucolica	153
Confidencia.. .. .	157
Vida!	159
Palimpsestos	161
Felicidade	165
O espantalho	167
O pobre sonhador	169
A Raynundo Corrêa.. .. .	171

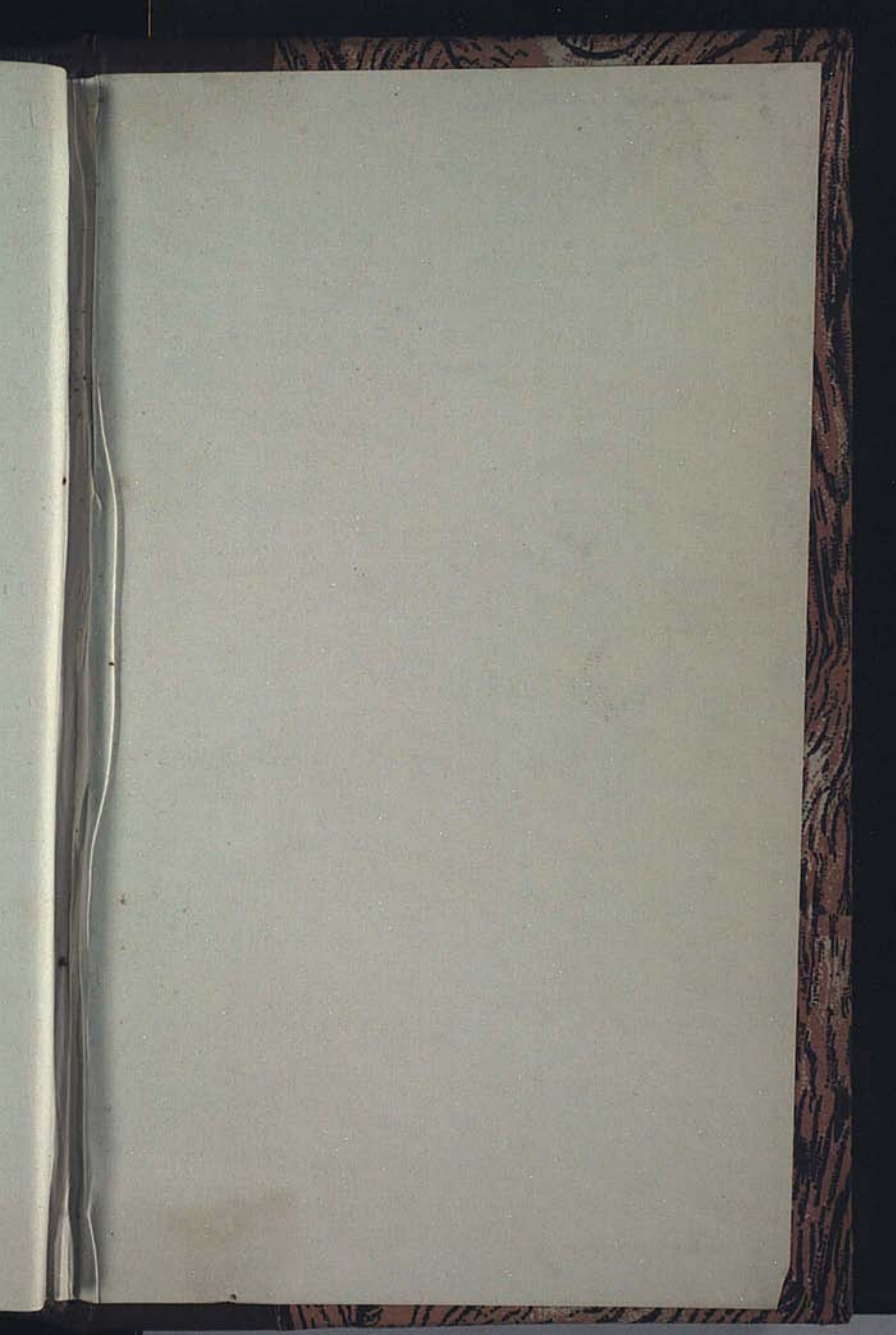
ERRATA

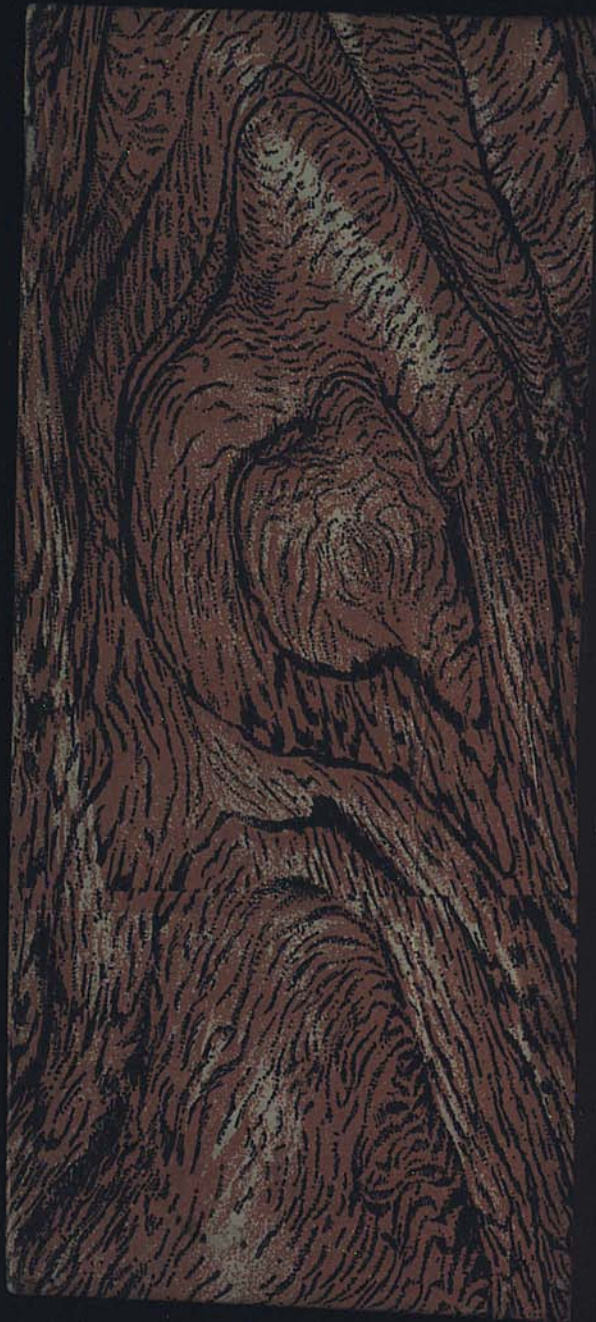
- Pag. 46, linha 16 — lirio — em vez de lyrio
» 117, » 2 — lirios » lyrios
» 136, » 1 — recondita a » reconditaa





8000





L. 10. 10. 10